

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

MAGALE KONRATH

**AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO TRABALHO ENTRE UM GRUPO DE
PRATICANTES DE GINÁSTICA LABORAL: UM ESTUDO DE CASO NO CENTRO
UNIVERSITÁRIO FEEVALE**

SÃO LEOPOLDO

2006

MAGALE KONRATH

**AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO TRABALHO ENTRE UM GRUPO DE
PRATICANTES DE GINÁSTICA LABORAL: UM ESTUDO DE CASO NO CENTRO
UNIVERSITÁRIO FEEVALE**

**Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Ciências Sociais
Aplicadas, da Unisinos, como requisito
parcial para obtenção de título de Mestre
em Ciências Sociais Aplicadas.**

**Orientadora: Prof^a Dr^a Sonia Mercedes
Lenhard Bredemeier**

SÃO LEOPOLDO

2006

MAGALE KONRATH

**AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO TRABALHO ENTRE UM GRUPO DE
PRATICANTES DE GINÁSTICA LABORAL: UM ESTUDO DE CASO NO CENTRO
UNIVERSITÁRIO FEEVALE**

Dissertação apresentada à Unisinos, como requisito parcial para obtenção de
título de Mestre em Ciências Sociais Aplicadas.

Banca Examinadora:

Profª Drª Sonia Mercedes Lenhard Bredemeier (Orientadora)

Profª Drª Marília Veríssimo Veronese

Prof. Dr. Paulo Antonio Barros Oliveira

A todos que sonharam, ousaram,
acreditaram e fizeram, independentes dos
resultados obtidos...

A todos que desejam um mundo melhor e
lançam forças para que tal objetivo seja
concretizado...

A todos os trabalhadores, esperançosos de
trabalho justo, digno, propiciador de
realizações e impulsionador da vida...

A todos vocês dedico este trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, força suprema, gerador da vida.

À grande e especial amiga, Cleci Benemann, estimuladora de todas as horas, principalmente naquelas em que o desânimo insistia em bater à porta.

Aos meus pais, Geraldo e Alice, pelo exemplo e educação que sempre me propiciaram.

À Prof^a Dr^a Sonia, que tão bem me acolheu, me orientou e me escutou.

Ao Centro Universitário Feevale, pelas oportunidades recebidas; a todos os colegas do curso de Educação Física pelo apoio e palavras de estímulo; e muito especialmente às colaboradoras do Setor de Higienização, sem as quais esta pesquisa não teria sido realizada.

Aos colegas de mestrado Ilan, Ronalisa e Luciane, pela amizade construída.

A todas as pessoas amigas, que de forma direta ou indireta, contribuíram para a concretização deste projeto: Tiago, Ana Paula, Fátima, Giovana, Eliana, Laura, Luciele, Greice, Cibele, Liliane, Renata, Alessandra.

A todos, o meu muitíssimo obrigada, do fundo do coração. Valeu!

Sem trabalho eu não sou nada
Não tenho dignidade
Não sinto o meu valor
Não tenho identidade
Mas o que eu tenho é só um emprego
E um salário miserável
Eu tenho o meu ofício
Que me cansa de verdade

*Legião Urbana
Música de Trabalho*

Nosso dia vai chegar
Teremos nossa vez
Não é pedir demais
Quero justiça
Quero trabalhar em paz
Não é muito o que lhe peço
Eu quero um trabalho honesto
Em vez de escravidão [...]

*Legião Urbana
Fábrica*

Um homem se humilha
se castram seus sonhos
Seu sonho é sua vida
e vida é trabalho
E sem o seu trabalho
o homem não tem honra
E sem a sua honra
se morre, se mata
Não dá pra ser feliz,
não dá pra ser feliz [...]

*Gonzaguinha
Guerreiro Menino
(Um homem também chora)*

RESUMO

O estudo investiga as Representações do Trabalho entre praticantes de Ginástica Laboral do Centro Universitário Feevale, com o objetivo de identificar como se manifestam as Representações Sociais do trabalho entre praticantes de Ginástica Laboral, caracterizando-se como um estudo de caso. A metodologia adotada utiliza a Sociologia Compreensiva (WEBER, 1999), dentro do paradigma da pesquisa qualitativa, e a leitura e interpretação dos dados é feita através da fenomenologia (SCHÜTZ, in MINAYO, 2000). O grupo pesquisado foi constituído por 8 (oito) colaboradoras do setor de Higienização e os instrumentos utilizados na coleta de dados foram compostos pela entrevista semi-estruturada, grupo focal, observação participante e o diário de campo. O referencial teórico abordou: a questão do trabalho e da reestruturação produtiva, onde promovemos uma discussão referente à centralidade do trabalho (ANTUNES, 2002 e 2003; POCHMANN, 2001) e ao fim do trabalho (GORZ, 1988, 2003 e 2004; OFFE, 1989, 1991); as Representações Sociais (MOSCOVICI, 2004), onde procuramos esclarecer um pouco desta ainda recente teoria; e a Ginástica Laboral (CAÑETE, 1996; LIMA, 2003) foi apresentada a partir do seu histórico, sua metodologia e seus benefícios. Constatamos que são fortes as Representações Sociais do trabalho, encarado como obrigação e sobrevivência, além dele possuir um caráter central na vida destas colaboradoras. Ao mesmo tempo, percebemos que uma visão crítica e questionadora começa a aflorar, iniciando um processo onde a acomodação deixará de prevalecer. A Ginástica Laboral é muito bem recebida pelas colaboradoras, que enfatizam todos os seus benefícios, assim como nós. Não podemos deixar de destacar a sua contribuição como educação para a saúde e qualidade de vida, pelo importante papel que representa. Esperamos que esta pesquisa possa servir como fonte de consulta aos demais pesquisadores, bem como estímulo para que ocorra uma maior aproximação entre a Educação Física e as Ciências Sociais Aplicadas.

Palavras-chave: Ginástica Laboral – Representações Sociais – Trabalho.

ABSTRACT

This study investigates the Labor Representations among the participants of the Labor Gymnastics group at Centro Universitário Feevale, and it aims at identifying how the Social Representations of Work manifest among the participants, in a study case. The methodology adopted is based on the Comprehensive Sociology (WEBER, 1999), within the qualitative research paradigm, and reading and interpreting data is made through phenomenology (SCHÜTZ, in MYNAYO, 2000). The researched group was composed by 8 (eight) female employees from the Cleaning Sector and the tools used for data collection were semi-structured interviews, focal group, participant observation and the field diary. The theoretical references mentioned: labor and its productive restructuration, where the centrality of work is discussed (ANTUNES, 2002 and 2003; POCHMANN, 2001) and the finality of work (GORZ, 1988, 2003 and 2004; OFFE, 1989, 1991); the Social Representations (MOSCOVICI, 2004), where a little of this recent theory is explained; and the Labor Gymnastics (CAÑETE, 1996; LIMA, 2003) was presented from its historical origin, its methodology and its benefits. We noticed that the Representations of Work are very strong, faced as a surviving and obligation, also having a central meaning in our participants lives. At the same time, we noticed that a critical and questioning point of view started to come up, in a process where sedentarism will not prevail. The Labor Gymnastics is well received by the workers, who emphasize all of its benefits, as we do. We have to mention the important role of Labor Gymnastics as a way of educating people through health and life quality. We hope this research can serve as a source to other researchers, as well as stimulus for a greater approximation between Physical Education and the Social Applied Sciences.

Key-words: Labor – Labor Gymnastics – Social Representations.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 PROBLEMA	11
1.2 OBJETIVO GERAL	13
1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	14
1.4 JUSTIFICATIVA	14
2 O QUE NÓS FAZEMOS E SUA REORGANIZAÇÃO - TRABALHO E REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA	18
2.1 O TRABALHO NO CONTEXTO HISTÓRICO	20
2.2 OUTRAS CONFIGURAÇÕES DO MUNDO DO TRABALHO	22
2.2.1 A centralidade do trabalho	26
2.2.2 O fim do trabalho	30
2.2.3 O impacto da atual crise do trabalho na vida do trabalhador	35
3 O QUE EU PENSO, TU PENSAS, NÓS PENSAMOS - REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	37
4 NÓS MOVIMENTAMOS O CORPO NO TRABALHO - GINÁSTICA LABORAL ..	46
4.1 O CORPO E A CONSCIÊNCIA CORPORAL	51
5 COMO FIZEMOS – O MÉTODO DA PESQUISA	55
5.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA QUALITATIVA	56
5.1.1 A Sociologia Compreensiva	57
5.1.2 A Fenomenologia	58
5.1.3 O Estudo de Caso.....	60
5.1.4 Caracterização do Grupo	61
5.2 TÉCNICA DE COLETA DE DADOS	64
5.2.1 Observação participante	65
5.2.1.1 Diário de campo	66
5.2.2 Entrevista	67
5.2.3 Grupo Focal	69
5.3 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	71
5.3.1 Análise de conteúdo	72
6 MONTANDO AS ENGRENAGENS	75
6.1 TRABALHO	77

6.1.1 O trabalho como obrigação e sobrevivência.....	78
6.1.2 O trabalho como satisfação	86
6.1.3 A visão crítica do trabalho.....	88
6.1.4 A centralidade do trabalho	89
6.1.5 Outras formas de trabalho	91
6.1.6 A (des)valorização do trabalho	94
6.2 GINÁSTICA LABORAL	96
6.2.1 A importância da Ginástica Laboral	97
6.2.2 O (des)conhecimento em relação à Ginástica Laboral	104
6.2.3 A Ginástica Laboral como fator de socialização	107
6.2.4 A Ginástica Laboral como educação para a saúde e a qualidade de vida	110
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	115
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	121
APÊNDICES	126
ANEXOS	130

1 INTRODUÇÃO

1.1 PROBLEMA

Ao longo de toda a formação acadêmica, minha preocupação sempre esteve direcionada à saúde dos indivíduos, ultrapassando a questão estética e a visão de um corpo belo e “sarado”¹.

Durante o curso de Educação Física, fui me questionando sobre como contribuir para uma melhor qualidade de vida, conscientizando as pessoas da importância de cuidar da sua saúde, através do estilo de vida adotado.

No final da década de 1990, uma prática introduzida no Brasil, quase 20 anos antes, estava ressurgindo timidamente: a Ginástica Laboral, também conhecida como Ginástica no Trabalho.

¹ Expressão utilizada nas academias e entre os adeptos do culto ao corpo para designar o corpo perfeito, com musculatura bem definida.

Em 1996, ao mesmo tempo que iniciava minhas pesquisas relacionadas ao tema, começava minha prática como monitora de Ginástica Laboral, trilhando um caminho que percorro até os dias de hoje como profissional.

Em 2001, fui chamada pelo Centro Universitário FEEVALE para retomar os trabalhos e pesquisas na área, resgatando a história da Instituição no que se refere ao pioneirismo.

Atualmente, como professora do curso de Educação Física da FEEVALE, é cada vez maior minha responsabilidade em contribuir para a produção do conhecimento e formação de novos profissionais, qualificando-os para atuar numa área em grande expansão.

Baseada na experiência obtida ao longo destes anos e através das observações e estudos realizados, muitas indagações e constatações foram surgindo. Esses fatos e os depoimentos de alguns praticantes me levaram a identificar quais alterações na sua qualidade de vida, no seu estilo de vida e na sua postura frente ao trabalho ocorriam a partir da adesão dos indivíduos em programas de Ginástica Laboral.

Com isso, cresceu minha curiosidade científica em saber outros aspectos relacionados a essa prática, além dos já comumente estudados (diminuição de lesões, dores, desconfortos, consultas médicas; melhora no ambiente de trabalho, na auto-estima dos participantes e integração entre colegas).

Ora, sabemos já de longa data, que a Ginástica Laboral contribui muito nos aspectos acima citados e na qualidade de vida em geral. Esses fatores são muito importantes e não podemos desmerecê-los, no entanto, esse não será o foco na presente pesquisa, pois pretendemos ir além do que vem sendo investigado, transpondo limites entre diferentes áreas do saber científico – Educação Física e Ciências Sociais.

Minha motivação em pesquisar o tema proposto se justifica ainda mais porque estou inserida nesse meio e como diz Minayo (2000, p.90): “nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeira instância, um problema da vida prática [...]”.

Assim, surgiu o seguinte problema de pesquisa: **Quais são as Representações Sociais do trabalho entre praticantes de Ginástica Laboral?**

1.2 OBJETIVO GERAL

Identificar como se manifestam as Representações Sociais do trabalho entre um grupo de praticantes de Ginástica Laboral do Centro Universitário Feevale.

1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Compreender o sentido do trabalho na vida das pessoas que praticam a Ginástica Laboral;

Caracterizar quais são as relações sociais e afetivas entre os praticantes de Ginástica Laboral;

Analisar a importância da Ginástica Laboral na relação do indivíduo com o trabalho.

1.4 JUSTIFICATIVA

O trabalho sempre fez parte da vida do homem, suscitando os mais diversos sentimentos e representações. Em muitas situações, impacta na saúde dos indivíduos de forma nociva. Ao mesmo tempo, sempre se buscaram alternativas para tentar solucionar tais agressões. Na maior parte das vezes, essas alternativas eram de cunho organizacional e ergonômico².

Criaram-se diferentes formas de trabalho, novos equipamentos e novas máquinas para dar agilidade ao processo e resultados na produção. Mas, além da máquina de ferro, há uma “máquina humana” que igualmente, ou até mais, precisa

² Quando nos referimos ao cunho organizacional, queremos nos manifestar em relação à forma de gestão, às práticas da empresa, enfim, como ela está organizada e como é seu funcionamento. Já quando nos referimos ao aspecto ergonômico, estamos falando das adaptações do ambiente de trabalho, máquinas e indivíduos.

de manutenção preventiva e também de reparos. Pensando nisso, várias práticas foram adotadas a fim de contribuir para a saúde e qualidade de vida do trabalhador.

Além de contribuírem para a saúde e qualidade de vida, acreditamos que essas ações também repercutiram nas próprias representações que os indivíduos fazem do trabalho. É o que chamamos aqui de “Representações Sociais do Trabalho”.

Para melhor compreensão, se faz necessário entender o que são Representações Sociais, trazendo aqui o conceito de Moscovici, autor que dará a sustentação necessária a esta pesquisa, para uma elucidação inicial acerca do assunto. Para Moscovici, as Representações Sociais nada mais são do que

[...] um conjunto de conceitos, proposições e explicações originadas na vida cotidiana no curso de comunicações interpessoais. Elas são o equivalente, em nossa sociedade, aos mitos e sistemas de crenças das sociedades tradicionais; podem também ser vistas como a versão contemporânea do senso comum (in SÁ, 1996, p.31).

Às vezes, as Representações Sociais se manifestam de forma explícita e aparente, enquanto que em outras essa manifestação se encontra nas entrelinhas, de forma bastante subjetiva.

O conhecimento sobre as Representações Sociais do trabalho nos ajuda a entender como os indivíduos interagem no mundo do trabalho, auxiliando na intervenção que poderá beneficiá-los. Compreendendo o trabalho, discutindo sobre ele e os resultados das avaliações das pessoas, melhor o profissional da saúde poderá interagir, conduzir e contribuir. Assim, poderá utilizar os instrumentos e

ferramentas mais adequadas, estabelecendo estratégias e táticas para tal. Considerando que o trabalho faz parte da vida das pessoas e conhecendo o que ele representa para elas, o profissional poderá atuar de forma mais objetiva. Dessa forma, as Representações Sociais estão a serviço do trabalho na medida em que atendem essas questões.

Ao longo da História houve modificações no mundo do trabalho, que também implicaram em modificações na relação dos indivíduos com o trabalho. Procuramos entender o que se passou nesse processo de mudança, qual a importância que tudo isso teve, associando com as Representações Sociais do trabalho para os indivíduos.

Por sua vez, o conhecimento sobre o histórico da Ginástica Laboral e a relação com os cenários passado e atual pode provocar a ampliação da discussão do seu sentido e tem uma relevância bastante ampla: o pensar sobre o trabalho e sobre a Ginástica Laboral. Nesse sentido, procuraremos aprofundar as repercussões desta prática nos mais variados aspectos, tais como: físico, pessoal, social, emocional e todas as suas implicações.

Na verdade, este estudo teve a pretensão de verificar em que a prática da Ginástica Laboral interfere na subjetividade dos indivíduos sociais, tratando-se de um estudo inovador, já que encontramos poucas pesquisas em Ginástica Laboral e nenhuma delas sob o aspecto social. Junto ao CNPQ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) encontramos cinco grupos de pesquisa³

³ Grupo de Ergonomia e Ginástica Laboral (FAL); Grupo de Pesquisa em Dor Osteomuscular e Reabilitação (UFRGS); Grupo Interdisciplinar de Fisiologia e Aptidão Física (UNICRUZ); Núcleo de

tratando de Ginástica Laboral, mas todos voltados aos seus benefícios fisiológicos e psicológicos que, conforme explicitado anteriormente, não são o alvo deste estudo.

Através desta reflexão, os indivíduos envolvidos estarão direcionando o olhar para dentro de si e refletindo sobre estas indagações. Numa dimensão, o pesquisador estará repensando sobre aquilo que ele próprio faz com o trabalho e o trabalhador estará repensando a sua relação com o seu trabalho. Em outra dimensão, ambos estarão repensando a sua relação com o seu corpo.

Segundo Jaqueline Ferreira,

O corpo é pensado, representado e passível de leituras diferenciadas de acordo com o contexto social, tornando-se assim um importante objeto de estudo dentro das ciências sociais. O corpo é um reflexo da sociedade, não sendo possível conceber processos exclusivamente biológicos, instrumentais ou estéticos no comportamento humano. Ao corpo se aplicam sentimentos, discursos e práticas que estão na base de nossa vida social. Por sua vez, o corpo é emblemático de processos sociais. Neste sentido, o estudo do corpo torna-se imprescindível não só para especialistas das áreas biomédicas como para as Ciências Sociais. (In ALVES & MINAYO, 1998, p.12)

Por isso, pensamos ser oportuno e desafiador realizar a aproximação das Ciências Sociais com a Educação Física, mais precisamente com a prática da Ginástica Laboral, já que percebemos haver um elo muito forte interligando as questões aqui levantadas. Em suma, formando um tripé com as Representações Sociais, o Trabalho e a Ginástica Laboral, encontramos uma base fértil para desenvolvermos o estudo proposto.

2 O QUE NÓS FAZEMOS E SUA REORGANIZAÇÃO - TRABALHO E REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA

Quando falamos de “trabalho”, estamos falando de algo complexo e ligado aos aspectos econômicos e sócio-culturais da humanidade.

É importante resgatar o aspecto histórico para melhor entendimento de nosso objetivo. A própria palavra “trabalho” adquiriu inúmeros significados ao longo dos tempos, geralmente sob um aspecto pejorativo. O termo deriva do latim *tripalium* que era a ferramenta formada por três paus e utilizada na agricultura, bem como o aparelho de tortura ao qual eram atados os condenados.

Vários autores, de diferentes áreas do conhecimento, trazem suas concepções e definições sobre o tema. Segundo Cabral (2003), o termo “trabalho”, também serviu para designar a execução de uma tarefa, a negação ao ócio, o esforço penoso, o labor, além de se reportar ao castigo divino e a práticas religiosas como “trabalho” de macumba ou atribulações pessoais; por exemplo, criar filhos dá muito “trabalho” ou viver dá “trabalho”.

Numa alusão ao trabalho de parto, Wallau (2003) refere-se ao Antigo Testamento, no qual encontramos “Adão ao ser expulso do paraíso será condenado ao trabalho” enquanto “Eva com dor terá filhos”.

Por outro lado, o trabalho também pode ser uma atividade prazerosa que dá sentido à vida, identidade ao sujeito, contribuindo para seu crescimento e desenvolvimento.

A própria valorização do trabalho difere em vários momentos da história da sociedade. Na Grécia Antiga e Roma o trabalho manual era desvalorizado e a atividade teórica contemplativa representava a excelência do ser humano. Foi a partir do Renascimento, com o desenvolvimento das ciências e da tecnologia, que começa a valorização do indivíduo que trabalha.

Antes de entrar no mérito dessa discussão, enfatizamos que não se pode negar o papel do trabalho para o indivíduo. Segundo Wallau (2003, p.22),

Sabemos que o verdadeiro sentido do trabalho faz com que o homem encontre significado e razão de viver, quando se configura como experiência saudável, necessário à sobrevivência e permeado pela motivação, fazendo parte da construção da sua identidade; quando está inserido num paradigma negativo, gerando estresse, encontra-se vinculado à insatisfação psíquica do trabalhador.

O trabalho é parte da vida do homem e a ele se incorpora; onde o homem estiver, a influência do trabalho se fará sentir de alguma forma. O trabalho marca acentuadamente a existência humana, estando inserido em todos momentos da vida adulta, sendo um fator decisivo para a saúde, por suas implicações ambientais, sociais e econômicas. Em nosso dia-a-dia e até em diferentes fases da nossa vida, o

trabalho adquire diferentes conotações e significados: pode atender a uma necessidade de consumo para um indivíduo jovem, a uma simples necessidade de sobrevivência para outro e acalantar o sonho de vida e metas para outro, caracterizando para cada um sua necessidade de realização (WALLAU, 2003).

Assim, como podemos observar, encontramos condições propícias para o nascimento de diversas formas de “Representações Sociais” sobre o trabalho, tema sobre o qual pretendemos uma discussão mais focada.

2.1 O trabalho no contexto histórico

Numa perspectiva histórica, apresentamos a questão do trabalho marcado por três momentos principais.

O primeiro momento é marcado pela Revolução Industrial, ocorrida no século XVIII, que alterou os rumos do mundo, institucionalizando mão-de-obra fabril em detrimento da agricultura e do trabalho artesanal, passando a ser uma onda sem volta. Naquela fase, enquanto a ânsia desenfreada pelo capitalismo era o único sentimento que marcava os donos do capital, o referencial humano era deixado de lado, fazendo com que os operários não passassem de uma verdadeira extensão das máquinas, que orquestravam todo o ritmo intenso, o qual constituía a atividade laboral.

O segundo momento ocorre a partir de 1911, na cidade norte-americana de Detroit. Henry Ford, apropriando-se das idéias de Taylor (centradas na noção de administração científica) instituiu três princípios que mudaram radicalmente a fisionomia e a forma de trabalhar das fábricas em todo o mundo. Na linha de montagem, o trabalhador ficava fixo numa determinada posição e o componente vinha até ele, resultando numa economia espetacular de movimentos. O ritmo de trabalho era determinado pela máquina e não pelo homem, evitando desperdício de tempo. A produção em série gerava economia de escala, visando a atender o alto consumo projetado. Essa forma de organizar o trabalho⁴ resultou no aumento da produtividade e na redução do preço dos bens de consumo. No que tange ao elemento humano, partícipe desse processo, tivemos conseqüências não tão positivas em relação a essas mudanças. Exemplo disso é o surgimento de várias doenças crônico-degenerativas, do estresse, das lesões por esforços repetitivos (LER), dos acidentes de trabalho e do sedentarismo, todos esses fatores servindo para debilitar o indivíduo e trazer prejuízos a sua qualidade de vida.

O terceiro momento é o da Era Informacional, considerada a Terceira Revolução Industrial, de suma importância e que vem perdurando até os dias atuais. Constituída pela explosão de inovações tecnológicas, avança em progressos na evolução das forças produtivas e na informática, como também no campo da biotecnologia, telecomunicações, engenharia genética. Importante no sentido de tanto trazer benefícios em termos de desenvolvimento e progresso, quanto na mudança de comportamento e estruturação da sociedade. Ou seja, temos aqui um marco significativo na linha de tempo histórica do trabalho. No caminho inverso,

⁴ Esta concepção de trabalho ficou conhecida em todo o mundo como *Fordismo*, em função de seu criador: Henry Ford.

significativas repercussões negativas no que se refere, principalmente, à flexibilização, ao incremento do desemprego estrutural e à saúde dos indivíduos foram sendo estabelecidas. Quanto ao fator da saúde, encontramos indivíduos estressados, desenvolvendo cada vez mais as doenças crônico-degenerativas, ditas doenças da civilização, e uma série de distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho (DORT). Tudo isso desencadeando um aumento no número de atestados, afastamentos e aposentadorias precoces, além de refletir no aspecto emocional e social do trabalhador. Tal situação reproduz o que já vinha acontecendo no momento anterior em relação aos impactos sobre a saúde do trabalhador (MORAES, 2001).

2.2 Outras configurações do mundo do trabalho

Considerando o contexto histórico citado anteriormente, apresentamos uma outra leitura sobre como se instituíram as configurações do mundo do trabalho.

No início do processo de industrialização, na 1ª onda de inovação, a Inglaterra detinha hegemonia internacional. A partir da metade do século XVIII, com o surgimento de novos materiais e a mecanização das indústrias têxteis e de vestuário, houve saltos qualitativos e quantitativos na capacidade de produção e a difusão do emprego industrial e conseqüente redução de preços dos tecidos. A produção ganhou impulso e a divisão do trabalho sofreu modificações: a substituição do trabalho artesanal pela mecanização resultou em produtividade, redução de custos e mais lucro. Esta “troca” subordinou o trabalhador ao ritmo da máquina e

degradou o conhecimento necessário para a realização do trabalho, não sendo preciso mão-de-obra tão qualificada (POCHMANN, 2001).

A 2ª onda ocorreu entre 1870 e 1910 com radical modificação na divisão do trabalho. Um novo ciclo de acumulação foi garantido ao capitalismo com a descoberta de novos materiais, destacando-se o uso do aço, da energia elétrica, a difusão do uso do motor a combustão interna e os motores a diesel. Neste último caso, a exploração do petróleo ganhou mais importância, trazendo à tona no cenário mundial países do Oriente Médio que até então não possuíam grande relevância econômica. As empresas que mal tinham iniciado a trabalhar na construção de veículos, transformaram-se em oligopólios e novas modificações no trabalho foram realizadas, com diferenciação de ocupações, simplificação das tarefas, esvaziamento do conteúdo do trabalho e desqualificação da mão-de-obra (POCHMANN, 2001).

A 3ª onda foi marcada pelo aprofundamento das descobertas técnicas e científicas no último quartel do século XX, destacando-se as inovações nas áreas da informática, telemática, novos materiais e biotecnologia e vindo a confirmar a passagem para um estágio superior. Embora todos esses avanços, permanece a desigualdade quanto ao acesso e ao uso das tecnologias tradicionais de comunicação (POCHMANN, 2001).

Vivemos uma fase de constantes reestruturações, onde o sistema social permanece capitalista, de tipo global, cujas características principais são:

flexibilidade⁵, descentralização, organização em redes, declínio do movimento de trabalhadores, presença da mulher no mercado de trabalho com diferenciação em relação ao homem, intervenção estatal (nas suas inúmeras formas) e a reversão do *welfare state*⁶ além do aumento da concorrência global.

A reestruturação produtiva⁷ ocorre a partir de 1970, junto com o processo de globalização⁸ e a política neoliberal⁹, a fim de responder a uma crise do capital. No Brasil isso de fato acontece no final dos anos 80 e no Governo Collor (1990-1992), onde aparecem os primeiros sinais dessa política neoliberal, cujo impulso inicial do projeto havia sido dado, em 1989, pelo Consenso de Washington¹⁰.

Nesse período, os modelos japonês, sueco e italiano começam a ser adotados em substituição ao modelo fordista, destacando-se o modelo japonês ou toyotista¹¹, que entre outras coisas, modifica a linha de produção, enxugando-a,

⁵ Refere-se ao sistema produtivo, em função da organização da produção, a fim de adaptar-se à economia globalizada. Ocorre juntamente com a descentralização das empresas e sua organização em redes.

⁶ Expressão que significa Estado de Bem-Estar Social. Vigorou após 2ª Guerra Mundial na Europa e consistia na aliança entre capital e Estado que assegurava ao povo trabalho, saúde e aposentadoria, entre outros. No Brasil não chegou a se concretizar, pois no momento em que seria implantado, estávamos entrando na onda neoliberal (CATTANI, 2002).

⁷ Processo de mudanças institucionais e organizacionais nas relações de produção e de trabalho, redefinição do papel do Estado nacional e instituições financeiras e introdução de novas tecnologias informatizadas, visando obter mais lucratividade (CATTANI, 2002).

⁸ [...] multiplicidade de fenômenos que, sobretudo a partir da década de 70, estariam configurando uma redefinição nas relações internacionais em diferentes áreas da vida social, como a economia, as finanças, a tecnologia, as comunicações, a cultura, a religião, etc. (CATTANI, 2002, p.147).

⁹ Nascida logo após a II Guerra Mundial na Europa e América do Norte, constitui-se numa ideologia que visa atender aos interesses do capital. Atacou as formas de regulação econômica do século XX, principalmente o socialismo, o keynesianismo e o Estado de bem-estar. Fundamenta-se em dois pontos: desregular e privatizar as atividades econômicas e reduzir o Estado a funções específicas, longe do mercado, a fim de preparar as bases de um outro tipo de capitalismo (MORAES, 2001).

¹⁰ O termo serve para designar um conjunto de idéias em favor da economia de mercado. Foi adotado por vários países em desenvolvimento.

¹¹ Modelo originado no Japão, na fábrica da Toyota. O toyotismo difere do fordismo sob vários aspectos, mas destaca-se a produção em pequenos lotes e variedade de produtos, baixos estoques, entregas na hora certa (*just in time*), rígido controle de qualidade e organização produtiva horizontalizada. (ARRUDA JR. & RAMOS, 1998).

racionalizando a matéria-prima e os custos de elaboração do produto, além de implantar Programas de Qualidade.

Tais modelos não demonstraram ser hegemônicos como se esperava e contribuíram para a ampliação de formas precárias nas relações de trabalho, como: degradação da relação salarial e crescimento do trabalho informal, terceirizado e temporário. Esta precarização resultou em multiplicação da insegurança, aumento do desemprego e da desigualdade social e desmonte da proteção social do Estado, com a influência da lógica neoliberal. Nessa perspectiva, o Estado está num processo cada vez mais mínimo em relação aos trabalhadores e aos direitos sociais, enquanto que para o capital, apresenta-se cada vez mais máximo.

Sobre esta flexibilização nos contratos de trabalho, Márcio Pochmann nos diz:

Ao longo dos anos 1990, quando as políticas neoliberais foram amplamente aplicadas no Brasil, construiu-se o argumento de que o custo do trabalho era muito elevado, o que inviabilizava a modernização do Brasil, além de produzir informalidade nas relações de trabalho e desemprego. Apesar de provocar maior flexibilização dos contratos de trabalho e estimular a desregulamentação das relações de trabalho, com sérios impactos negativos para o custo do trabalho, o desemprego aumentou, assim como a informalidade dos postos de trabalho (POCHMANN, 2001, p.107).

No contexto da implantação das reformas neoliberais no Brasil, os efeitos de regressão socioeconômica foram se manifestando. Uma das primeiras constatações foi a presença de sinais de desestruturação do mercado de trabalho (POCHMANN, 2001).

Outro ponto que não deve ser esquecido e que é muito bem abordado por Pochmann (2001) diz respeito a transitarmos atualmente no país, cada vez mais, por diversas formas de trabalho, desde as mais modernas (células de produção na

manufatura, serviços informatizados e de última geração, grupos semi-autônomos nas empresas industriais e nos serviços de ponta, por exemplo), até para formas atrasadas (trabalho infantil e escravo, geração de ocupações sem rendimento, trabalho independente, desassalariamento e ampliação do desemprego).

Numa visão mais ampliada, Ricardo Antunes aponta outro lado muito importante e afetado por toda a situação em andamento quando afirma que:

Essas transformações, presentes ou em curso, em maior ou menor escala, dependendo de inúmeras condições econômicas, sociais, políticas, culturais etc., dos diversos países onde são vivenciadas afetam diretamente o operariado industrial tradicional, acarretando metamorfoses no *ser* do trabalho. A crise atinge também intensamente, como se evidencia, o universo da consciência, da subjetividade do trabalho, das suas formas de representação (ANTUNES, 2002, p.43).

No que tange à subjetividade do trabalho e do próprio indivíduo, atualmente, a grande discussão é quanto ao fim do trabalho ou à centralidade do trabalho.

2.2.1 A centralidade do trabalho

No que tange à discussão e defesa pela centralidade do trabalho na vida dos indivíduos, encontramos os sociólogos Manuel Castells, Robert Castel e Boaventura de Souza Santos, que procuram analisar as transformações do trabalho sob o ângulo de suas implicações sociais, enfatizando que a diminuição do trabalho assalariado não significa o fim do trabalho (TONI, 2003).

Nesta mesma linha, queremos enfatizar a contribuição do importante teórico brasileiro, fundador deste estudo, Ricardo Antunes, que defende o trabalho como meio através do qual se realizam as atividades produtivas, sem o qual o capital desapareceria e como algo que deve reconhecer outro sujeito acima de si mesmo, mesmo que seja um pseudo-sujeito. Antunes rejeita a idéia do fim do trabalho e da perda do caráter central que ele apresenta.

O que se evidencia hoje é a redução do trabalho vivo¹², a ampliação do trabalho morto¹³, o trabalho imaterial¹⁴ e o sobretrabalho¹⁵. Como causas desta problemática, Antunes (2003) refere a crise estrutural do capital, a revolução organizacional iniciada ao final da década de 1960, incluindo o Toyotismo e as novas formas de acumulação e a implantação do projeto neoliberal no governo de Margareth Thatcher, na Inglaterra (ANTUNES, 2002).

Com certeza, todo este debate traz uma série de implicações que agita ainda mais o mundo do trabalho e influi nas Representações Sociais do Trabalho.

Essa realidade é resultado da divisão social que operou a subordinação do trabalho ao capital, este, inserido dentro de uma lógica destrutiva que não considera o valor de uso e valor de troca como coisas separadas, mas sim a superioridade do valor de troca sobre o de uso. Reduz-se a vida útil das mercadorias para acelerar o ciclo produtivo e assim propiciar ao capital o crescimento que vem atingindo ao longo da História, de forma acentuada desde os anos 70. As conseqüências são

¹² Aquele que produz algo concreto, que resulta em valor de uso e mais-valia, participando diretamente do processo de valorização do capital (MARX, 1971).

¹³ O trabalho é consumido como valor de troca (exemplo: setor de serviços e serviço público).

¹⁴ Aquele onde prevalece o trabalho intelectual ou as formas artísticas (LAZZARATO & NEGRI, 2001).

¹⁵ O mesmo que mais-valia, ou seja, o excedente ao custo do produto produzido (ANTUNES, 2003).

muito negativas, das quais destacam-se a destruição e/ou precarização da força de trabalho e a degradação crescente do meio ambiente, pois como tudo é feito para não durar e ser logo descartado, é necessário utilizar mais matéria-prima para a fabricação dos produtos, o que aumenta a quantidade de lixo produzido com o que é descartado (ANTUNES, 2002).

Com a crise estrutural, principalmente do início dos anos 70, ocorreram mutações nas áreas econômica, social, política e ideológica, com várias repercussões, fazendo com que fosse implementado um amplo processo de reestruturação do capital, visando alternativas para dar maior dinamismo ao processo produtivo, que dava sinais de esgotamento. Aconteceu a transição do padrão taylorista e fordista para as novas formas de acumulação flexibilizada.

As mutações ocorridas a partir dessa época, e ainda em curso, têm gerado mais dissenso do que consenso e as mesmas seriam responsáveis pela instauração de uma nova forma de organização industrial e de relacionamento entre o capital e o trabalho, resultando de um lado num trabalhador mais qualificado, participativo, multifuncional e polivalente, o que contribui para elevar os índices de desempregados que não se enquadram no perfil solicitado. Com esta nova forma de organização, também temos uma reconfiguração do poder muito mais favorável aos empregadores do que aos trabalhadores (ANTUNES, 2002).

A “fábrica moderna” intensifica a exploração da força de trabalho, reduz ou elimina o trabalho improdutivo, bem como os postos de trabalho e aumenta a produtividade. Como consequência, temos a desregulação dos direitos do trabalho, aumento da fragmentação da classe trabalhadora, precarização e terceirização da

força humana e destruição do sindicalismo de classe ou sua docilização (com atuação mais branda, menos agressiva) (ANTUNES, 2002).

Antunes, ao falar desta situação, na qual vivemos, comenta que:

Vivem-se formas transitórias de produção, cujos desdobramentos são também agudos, no que diz respeito aos direitos do trabalho. Estes são desregulamentados, são flexibilizados, de modo a dotar o capital do instrumento necessário para adequar-se a sua nova fase. Direitos e conquistas históricas dos trabalhadores são substituídos e eliminados do mundo da produção (2002, p.24).

Segundo Antunes, o trabalho organizado foi prejudicado, acarretando altas nos níveis de desemprego estrutural e retrocesso da ação sindical ou, como afirma Antunes “Em outras palavras, houve uma diminuição da classe operária industrial tradicional” (2002, p.49).

O mais assombroso de tudo isso, é o modo como se transformou a classe trabalhadora, tornando-se

[...] mais fragmentada e mais complexificada, dividida entre trabalhadores qualificados e desqualificados, do mercado formal e informal, jovens e velhos, homens e mulheres, estáveis e precários, imigrantes e nacionais, brancos e negros etc., sem falar nas divisões que decorrem da inserção diferenciada dos países e de seus trabalhadores na nova divisão internacional do trabalho (ANTUNES, 2002, p.184).

Antunes entende que o desafio maior da *classe-que-vive-do-trabalho* (igualmente entendida como classe trabalhadora) “é soldar os laços de *pertencimento de classe* existente entre os diversos segmentos que compreendem o mundo do trabalho” (ANTUNES, 2002, p.184).

Desta forma, concordamos que o pensamento de Marx, quando diz que “O trabalho, como criador de valores-de-uso, como trabalho útil, é indispensável à existência do homem [...]” (1971, p.50), seguirá prevalecendo sobre toda e qualquer idéia que vá de encontro a esta.

Por fim, Antunes complementa dizendo que:

Ao contrário daqueles autores que defendem a perda da centralidade da categoria *trabalho* na sociedade contemporânea, as tendências em curso, quer em direção à desqualificação ou à sub-proletarização, não permitem concluir pela perda desta centralidade no universo de uma *sociedade produtora de mercadorias* (ANTUNES, 2002, p.83).

Assim, abordamos a tese pela centralidade do trabalho, no qual o mesmo não deixará de existir e permanecerá ocupando lugar de destaque na vida das pessoas.

2.2.2 O fim do trabalho

Entre os teóricos que contestam a centralidade e defendem a tese do fim do trabalho, estão o sociólogo francês André Gorz, o sociólogo alemão Claus Offe, o americano Jeremy Rifkin, o também alemão Ulrich Beck e a filósofa francesa Dominique Meda (TONI, 2003).

Para compreender esse raciocínio, precisamos entender o que impulsionou a modificação dos cenários e resultou nessa idéia.

O êxodo de capital se acelerou no início dos anos 70 com as empresas multinacionais¹⁶. Ao final da mesma década, estas se converteram em transnacionais¹⁷, que se apresentam em forma de rede e cujo centro de coordenação e decisão estratégica não tem mais nacionalidade. A sede social pode situar-se em qualquer parte do mundo e alterna de local dependendo de onde paga menos impostos ou até nenhum – apresentando-se aí o fenômeno da extraterritorialidade.

Com essas modificações, era preciso que o Estado se colocasse a serviço da competitividade das empresas, aceitando as leis de mercado. O Estado, que outrora ditava todas as regras, é substituído pelo mercado, considerado como ordenador. Novas formas de auto-organização descentrada e uma organização em rede substituíam o poder anterior detido pelo Estado. É importante compreender e fazer compreender que o poder dos mercados existe em função da submissão dos governos ao poder financeiro.

Analisando tais fatores, constatamos que o fim do crescimento fordista/taylorista exigiu das empresas dois caminhos: conquista de outras porções de mercado e a renovação acelerada da sua gama de produtos, ao mesmo tempo em que os produtos produzidos iam se tornando obsoletos.

Ambas as alternativas apresentaram a ruptura com o modo de produção fordista/taylorista, que trouxe como conseqüências o aprofundamento da

¹⁶ Uma multinacional é uma empresa que opera e/ou fabrica em dois ou mais países diferentes.

¹⁷ As empresas transnacionais são autônomas, fixam suas estratégias e organizam sua produção em bases internacionais, ou seja, sem vínculo direto com as fronteiras nacionais e não necessariamente dominam o processo de produção em seus diferentes segmentos.

flexibilização e a desregulamentação do trabalho, caracterizando o emprego precário.

Neste contexto, de trabalho precário, temos os contratados por tempo parcial ou prazo determinado, que fazem o mesmo serviço que os estáveis, porém sem a mesma condição, nem direitos sociais ou a mesma remuneração. Em suma, implicando em instabilidade, insegurança e exploração.

Em “Metamorfoses do trabalho” (2003), o sociólogo francês André Gorz apresenta importantes conceitos que ficam abalados com a crise da modernidade e da sociedade do trabalho, entre os quais apresentamos a questão do trabalho tido outrora como identidade e como fator de integração social.

Trabalho, *aquilo que temos, procuramos, oferecemos*¹⁸ é uma atividade que se realiza na esfera pública, definida como útil por outros além de nós, e a este título remunerada. É pelo trabalho remunerado que pertencemos à esfera pública, adquirimos uma existência e uma identidade social. O trabalho remunerado é de longe o fator mais importante da socialização. A sociedade industrial é uma sociedade de trabalhadores e não desaparecerá: o trabalho continuará a ser o cerne de nossas vidas (GORZ, 1988).

¹⁸ Grifo do autor.

O autor embasa seu posicionamento a partir da identificação de questões como a redução do emprego industrial, o aumento das atividades de serviço¹⁹, o trabalho em tempo parcial e o aumento do desemprego.

Para Gorz (2004), não há mais a possibilidade de termos pleno emprego e por isso ele defende o mínimo para todos, garantindo as necessidades, desejos e aspirações de cada indivíduo. Isso requer uma mudança na concepção de sociedade.

Segundo Gorz, embora apresente sinais de que conserva na vida e consciência de cada um o caráter central, o trabalho deve deixar de ser o lugar central da vida do indivíduo. Devemos pensar nele como aquele que fazemos e não como aquele que temos ou não. Ou seja, hoje podemos estar fazendo alguma atividade e amanhã não mais. É diferente de 20, 30 ou 40 anos atrás, quando as pessoas tinham seu emprego fixo, com o qual podiam contar e sentir-se seguras.

Na verdade quando o autor fala no fim do trabalho, não quer dizer que ele deixará de existir, mas será distribuído e apresentado de forma diferenciada. O que ele quer dizer quando fala em fim do trabalho, é referente ao conceito que perdurou no século passado: o trabalho fixo, com estabilidade e benefícios é que terá fim. Gorz (1998, p.65), afirma que “o trabalho que desaparece é o trabalho abstrato, o trabalho de onde se tira o dinheiro, que foi inventado e imposto com força e grandes penúrias pelo capitalismo industrial a partir do final do século XVIII”. O que virá

¹⁹ De acordo com Gorz, o aumento das atividades de serviço contribuem para a eliminação do trabalho tal como o conhecemos, pois quebra as relações de vínculo empregatício e favorece a precarização.

depois disso dependerá da forma como a sociedade irá se preparar e se reestruturar.

Gorz propõe a construção de uma sociedade diferente no lugar da que é abandonada. Uma sociedade de tempo elegido e de multiatividade. Temos aqui o centro do problema e o centro do conflito: desconectar do trabalho o direito a ter direitos e, sobretudo, o direito ao que é produzido e produzível sem trabalho ou com cada vez menos trabalho. Redefinições se fazem urgentes, principalmente no que diz respeito, inclusive aos laços sociais.

No entendimento do autor acima citado, saímos de uma sociedade de trabalho sem substituí-la por nenhuma outra.

Por fim, quanto à globalização não se pode negá-la e não é contra ela que se deve lutar, mas sim lutar por uma globalização diferente, guiada por uma solidariedade, um projeto de civilização.

Damos destaque a essas idéias de Gorz, pois acreditamos que esses fatores são importantes na formação das Representações Sociais do trabalho.

Se analisarmos mais profundamente, na verdade não temos o fim do trabalho propriamente dito. O que se apresenta é o fim da centralidade do trabalho, a forma característica do trabalho que tínhamos até então. A perspectiva que se tem é a alteração na forma como o trabalho será encarado e colocado.

2.2.3 O impacto da atual crise do trabalho na vida do trabalhador

De forma contraditória, no momento em que o trabalho está se tornando escasso, cresce o número de pessoas trabalhando mais horas, ocorre uma intensificação do trabalho, aumento da insegurança no emprego, do stress e das doenças decorrentes do trabalho. Isso decorre das exigências colocadas aos trabalhadores, que vivem em constante tensão, com medo da perda do posto de trabalho e que muitas vezes se submetem a estas condições para a manutenção de seus empregos.

Como efeitos principais desta atual crise do trabalho, identificamos a insegurança e a instabilidade.

A insegurança se manifesta de várias formas: *insegurança no trabalho* (sob a ameaça do desemprego crescente); *insegurança do emprego* (com a redução do emprego estável e permanente nas empresas, substituído pela subcontratação de trabalhadores temporários); *insegurança da contratação* (representada pelas novas formas de contratação com tempo determinado, parcial ou até mesmo relações de trabalho sem contrato formal) e *insegurança da renda* (desigualdades salariais, a não garantia dos rendimentos do trabalho e o distanciamento da relação entre salário e produtividade, favorecendo a deterioração da renda e aumento da pobreza).

Sob estas ameaças e medos, neste panorama de insegurança e de relações instáveis, o indivíduo / trabalhador se submete a condições indignas (trabalho precarizado, nas suas diversas formas), que podem comprometê-lo no aspecto

pessoal, social, emocional, na sua qualidade de vida²⁰ e, ousamos dizer, no seu projeto de vida.

Apesar desse contexto, houve um crescimento muito importante da área denominada de Saúde do Trabalhador²¹. Infelizmente, grande parte das ações e os altos e crescentes custos com a saúde dos funcionários concentram-se na sua maior parte em ações curativas e/ou paliativas. Isso é reforçado por Cañete quando afirma que “O enfoque e, principalmente, a atuação preventiva ainda permanecem bem mais no âmbito do discurso e de algumas ações tímidas por parte de poucas empresas e do governo” (CAÑETE, 1996, p.31).

O quadro de instabilidade, principalmente econômica, que nos é apresentado em tempos de globalização e competição acirrada, agrava ainda mais todas essas situações e nos deixa com dúvidas e inquietações quanto a perspectivas futuras.

Nesse sentido, uma análise mais aprofundada se faz necessária, buscando responder a estas indagações e delineando um mapa orientador em busca de soluções que amenizem e/ou enfrentem as “tempestades” que se aproximam.

²⁰ O Grupo de estudos em Qualidade de Vida, da Organização Mundial de Saúde, Whogol Group, definiu qualidade de vida como “a percepção do indivíduo de sua posição na vida, no contexto da cultura e sistema de valores nos quais ele vive e, em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações” (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 1998).

²¹ Área que abrange o conhecimento de Medicina Social, Saúde Pública e coletiva, Clínica Médica, Medicina do Trabalho, Epidemiologia Social, Engenharia, Psicologia, entre outras, que, aliada ao conhecimento do trabalhador, apresenta propostas diferenciadas para as ações de promoção da saúde num âmbito mais geral (NARDI, 2002).

3 O QUE EU PENSO, TU PENSAS, NÓS PENSAMOS - REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

O conceito de Representações Sociais é multifacetado e complexo. Para Jodelet é “uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, tendo uma visão prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (In GUARESCHI & JOVCHELOVITCH, 1995, p.202).

Representações Sociais é um termo advindo da Filosofia e que nas Ciências Sociais são definidas como categorias de pensamento, de ação e de sentimento que expressam a realidade para explicá-la, justificá-la ou questioná-la (MINAYO, 2000). Utilizamos as Representações Sociais para compreender como a realidade se estrutura e se organiza, sendo, portanto, o meio através do qual faremos a conexão entre Trabalho e Ginástica Laboral.

Sob outro olhar, temos o conceito de Moscovici dizendo que “Representações Sociais, como teorias científicas, religiões, ou mitologias, são representações de alguma coisa ou de alguém” (MOSCOVICI, 2004, p. 106).

A teoria das Representações Sociais é uma teoria nova, recente, e que ainda não está completamente fechada, mas vem crescendo o número de trabalhos e pesquisas acerca do assunto.

As Representações Sociais (RS) tiveram origem na Sociologia, por meio de Durkheim e na Antropologia, por meio de Lévy-Bruhl. De acordo com Moscovici, “A idéia de representação coletiva ou social tornou possível o casamento da antropologia e da psicologia dentro de um referencial desenvolvimentista” (2004, p. 286).

Contribuíram para a sua construção a Teoria da Linguagem de Saussure, a Teoria das Representações Infantis de Piaget e a Teoria do Desenvolvimento Cultural de Vigotsky e a crítica aos movimentos positivista e funcionalista.

Sob o prisma de Durkheim, que aborda o termo Representações Coletivas, elas são formas estáveis de compreensão coletiva que podem integrar a sociedade como um todo.

Piaget, considerado por alguns um discípulo de Lévy-Bruhl, estudou a representação do mundo da criança. Com o avanço de seus estudos, acabou distanciando-se daquele autor e aproximou-se de Durkheim quando imaginou “uma evolução contínua, estendendo-se dessas representações ‘pré-lógicas’ da criança, para as representações mais lógicas e individuais do adolescente” (MOSCOVICI, 2004, p. 190).

Vygotsky partiu da mesma origem, mas a sua vocação política e a revolução socialista como um marco, acabou forçando-o a adotar uma psicologia marxista que reconhecia o verdadeiro lugar da sociedade e da cultura.

Numa visão fenomenológica, temos como representante Schütz que utiliza o termo “senso comum” para falar das representações sociais do cotidiano, que para ele é dotado de significados. Schütz faz a separação dos termos experiência – comum a grande número de pessoas ao mesmo tempo – e conhecimento – formado individualmente, a partir de experiência vivida (GUARESCHI & JOVCHELOVITCH, 1995).

Na perspectiva de Weber, dentro da Sociologia Compreensiva, a vida social é carregada de significação cultural. Minayo (2000, p.93) diz que “Segundo Weber, as idéias (ou representações sociais) são juízos de valor que os indivíduos dotados de vontade possuem”. Em outras palavras, podemos dizer que tudo isso explicita a base de raciocínio de Weber onde a ação humana é significativa e por isso deve ser estudada.

Já Moscovici direcionou seu interesse em explorar a diversidade e variação das idéias coletivas nas sociedades modernas o que, segundo o autor, caracteriza uma falta de homogeneidade e gera uma heterogeneidade de representações (MOSCOVICI, 2004). Sob esse aspecto, funda-se a diferenciação principal entre o conceito de Durkheim (Representações Coletivas) e o conceito de Moscovici (Representações Sociais).

É importante ressaltar o que dizem Guareschi & Jovchelovitch sobre esse que foi o impulsionador dessa teoria: “Desde o início, a teoria das Representações Sociais de Moscovici se constitui numa importante crítica sobre a natureza individualizante da maior parte da pesquisa em psicologia na América do Norte” (1995, p. 49).

Moscovici foi quem fez a crítica à teoria positivista e funcionalista, tentando mostrar que a visão da realidade nesta abordagem não explicava outras dimensões desta mesma realidade, principalmente na dimensão histórico-crítica, considerando-a parcial (GUARESCHI & JOVCHELOVITCH, 1995).

O conjunto construído a partir do conhecimento científico e do senso comum – que envolvem abstrações, formalizações e generalizações – são fatos interpretados a partir do mundo do dia-a-dia, constituindo-se importante material para pesquisa (MINAYO, 2000).

Partindo dos conceitos apresentados, em síntese, a Representação é uma forma de conhecimento prático, conectando um sujeito a um objeto e que tem como ponto de partida a diversidade dos indivíduos, atitudes e fenômenos, em tudo o que é estranho e imprevisível. Todas as interações humanas, originadas entre duas pessoas ou dois grupos, possuem representações e é isso que as caracteriza. Sua importância é ressaltada no que se refere à natureza da mudança, onde as Representações Sociais são capazes de influenciar o comportamento do indivíduo participante de um grupo.

Segundo Oliveira e Werba (in STREY, 1998, p.105), as Representações Sociais são “*teorias* sobre saberes populares e do senso comum, elaboradas e partilhadas coletivamente, com a finalidade de construir e interpretar o real”.

Entendendo as Representações Sociais como sendo formas de conhecimento prático, essas se inserem mais especificamente entre as correntes que estudam o conhecimento do senso comum.

Os fenômenos sociais nos permitem identificar de maneira concreta as Representações, trabalhando-as através das conversações onde são elaborados os saberes populares e o senso comum. Conforme Guareschi & Jovchelovitch, “Trata-se, portanto, de uma ampliação do modo de ver o senso comum como conhecimento legítimo e motor das transformações sociais” (1995, p.119). Os autores complementam, com base em Jodelet, dizendo que as Representações Sociais devem ser estudadas “articulando elementos afetivos, mentais, sociais, integrando a cognição, a linguagem e a comunicação às relações sociais que afetam as representações sociais e à realidade material, social e ideativa a qual elas intervêm” (1995, p. 121).

Como referido anteriormente, todas as interações humanas, surgidas entre duas pessoas ou dois grupos, implicam representações e é isso que as caracteriza. Quando o objeto de estudo é as Representações Sociais, na verdade estamos estudando o ser humano no seu objetivo de compreensão (MOSCOVICI, 2004).

A teoria das Representações Sociais nos mostra o quanto um indivíduo é produto da sociedade, assim como o quanto ele pode mudar uma sociedade.

Podemos relacionar tal afirmação com o que nos diz Guareschi & Jovchelovitch (1995, p.142): “vemos o mundo e o interpretamos a partir das viseiras de nossos preconceitos”. Sendo assim, podemos interpretar o indivíduo como fruto da sociedade em que está inserido e qual sua ação na mesma. Moscovici colabora com esta fala, dizendo que “Todos nossos discursos, nossas crenças, nossas representações provêm de muitos outros discursos e muitas outras representações elaboradas antes de nós e derivadas delas” (2003, p. 242).

As Representações Sociais são vistas como uma maneira particular de compreender e comunicar o que já se sabe. A linguagem possui um papel importantíssimo nesse sentido, pois igualmente é carregada de representações: “A representação iguala toda imagem a uma idéia e toda idéia a uma imagem” (MOSCOVICI, 2004, p.46).

Na compreensão do fenômeno das Representações Sociais, uma hipótese é formulada por Moscovici: “a finalidade de todas as representações é tornar familiar algo não-familiar, ou a própria não familiaridade” (2004, p. 54).

A partir do conhecimento das Representações Sociais pode-se entender o comportamento das pessoas e tornar o *não familiar* algo familiar.

Em se tratando do lugar que as Representações ocupam na sociedade, elas estão divididas em duas categorias próprias de nossa cultura: os universos consensuais e os universos reificados.

O não familiar situa-se e é muitas vezes gerado no universo reificado, um universo de pensamento no qual os membros são desiguais com diferentes papéis e classes e no qual os mundos são restritos às ciências, à objetividade e às teorizações abstratas.

O familiar situa-se no universo consensual, as teorias de senso comum, no qual as pessoas são iguais e livres e cada uma pode falar em nome do grupo. As Representações Sociais são produzidas neste universo de pensamento, por meio de dois processos: a ancoragem e a objetivação. A ancoragem é o processo para “encaixar” o *não familiar* e implica muitas vezes em juízo de valor. Já a objetivação é o processo para tornar concreta, visível uma realidade. Desta forma, constitui-se o processo de abordagem das Representações Sociais.

Explicando um pouco mais sobre os mencionados universos, temos: “No universo consensual, a sociedade é uma criação visível, contínua, permeada com sentido e finalidade [...] o ser humano é, aqui, a medida de todas as coisas” (MOSCOVICI, 2004, p.50).

Moscovici apresenta o universo reificado, onde a sociedade é vista como um sistema de diferentes papéis e classes, cujos membros são desiguais. Frente a isso, “Somente a competência adquirida determina seu grau de participação de acordo com o mérito, seu direito de trabalhar [...]” (2004, p. 51).

Esse contraste que há entre os dois universos, impacta psicologicamente, pois dividem a realidade coletiva e a realidade física. Em suma, “[...] as ciências são os meios pelos quais nós compreendemos o universo reificado, enquanto as

representações tratam com o universo consensual” (MOSCOVICI, 2004, p. 52). As representações restauram a consciência coletiva, dão forma e explicam os objetos e acontecimentos, de modo que eles se tornem acessíveis e coincidam com nossos interesses imediatos.

Para que esse processo seja colocado em prática, é necessário pôr em funcionamento dois mecanismos de pensamento: a ancoragem e a objetivação.

Há um dito popular no qual se baseiam as Representações Sociais: “Onde há fumaça, há fogo!”, isto significa dizer que há uma causa e um efeito. Quando avistamos a “fumaça”, sabemos que há “fogo” em algum lugar e vamos em busca dele. Com esta analogia, expressamos um processo de pensamento: a necessidade de decodificar os signos existentes no ambiente social até que seu significado seja localizado.

Dentro dessa idéia de causalidade, temos o caso do psicólogo americano Lerner sugerindo que explicamos o comportamento de alguém na premissa de que “as pessoas somente recebem o que merecem” (constituindo assim a “hipótese do mundo justo”). Já os psicólogos canadenses, Guimond e Simard, ao tentar concretizar esta teoria, descobriram que esta atitude era a das pessoas pertencentes à classe dominante. Ora, sabemos que na sociedade as classes dominantes e as dominadas possuem representações diferentes do mundo que compartilham, portanto essa situação não se aplica. (MOSCOVICI, 2004)

O senso comum está em contínua transformação na nossa sociedade, sendo criado e re-criado a todo instante, principalmente onde o conhecimento científico e

tecnológico está bem disseminado. Ao se aprofundar a análise do senso comum, nos deparamos não apenas com a lógica e com a coerência, mas também com a contradição existente.

Complementando com Moscovici, “Ao dizer que as representações são sociais nós estamos dizendo principalmente que elas são simbólicas e possuem tantos elementos perceptuais quanto os assim chamados cognitivos” (2004, p. 105). Continuando nesta linha de pensar, o autor coloca que:

Na verdade, do ponto de vista dinâmico, as representações sociais se apresentam como uma 'rede' de idéias, metáforas e imagens, mais ou menos interligadas livremente e, por isso, mais móveis e fluidas que teorias (MOSCOVICI, 2004, p. 210).

A Teoria das Representações Sociais dá racionalidade às ideologias, aos saberes populares e ao senso comum. De uma forma mais clara, isso quer dizer que as Representações Sociais são racionais, pois são coletivas e conduzem à questão social. Aliás, é sabido o papel central que o mundo social ocupa nas Representações Sociais. Somado a isto, estão presentes as dimensões cognitivas e afetivas na noção das Representações Sociais (GUARESCHI & JOVCHELOVITCH, 1995).

Além dos teóricos específicos das Representações Sociais, os autores que tratam do assunto “Trabalho”, ajudarão a elucidar e compreender diferentes Representações Sociais do trabalho que se sucederam ao longo da história.

4 NÓS MOVIMENTAMOS O CORPO NO TRABALHO - GINÁSTICA LABORAL

Ao abordarmos a questão da Ginástica Laboral e sua importância, estamos trazendo à discussão essa percepção acerca do assunto, a qual também tem presente uma determinada “Representação Social do Trabalho”, pois, no momento em que acreditamos nos seus benefícios, isso caracteriza uma Representação Social.

Discute-se muito sobre a verdadeira origem da Ginástica Laboral. No início da década de 1960, surgiram os primeiros programas de atividade física em empresas na Bulgária, Alemanha, Suécia e Bélgica, embora o Japão afirme ser o pioneiro na consolidação e obrigatoriedade da Ginástica Laboral Compensatória, com a implantação de sessões de exercícios no Correio Japonês em 1928 (CAÑETE, 1996).

A primeira experiência realizada no Brasil ocorreu em 1979, no atual Centro Universitário Feevale em Novo Hamburgo/RS, sob a coordenação do curso de Educação Física. Tratava-se de uma pesquisa, cuja proposta era baseada em análises biomecânicas dos trabalhadores em seu ambiente de trabalho e serviu de

suporte para a elaboração do Projeto de Educação Física Compensatória e Recreação. O trabalho iniciou com uma sondagem na região, contatando com as empresas interessadas em contribuir para o estudo. Após, foram realizadas filmagens nas diferentes seções de cada indústria para verificar detalhadamente o tipo de movimento e a tarefa efetuada por cada operário. Numa outra etapa, a equipe de professores e acadêmicos analisava e diagnosticava os grupos musculares mais ativos, os tipos de contração e os grupos musculares antagonistas para compensação. De acordo com levantamentos realizados, identificando horários de fadiga e acidentes de trabalho, ficaram estabelecidos os momentos de aplicação da prática. Cinco empresas participaram do projeto, confirmando os objetivos propostos e alcançando os resultados esperados.

Embora hoje tenhamos uma visão mais humanizada²² sobre a Ginástica Laboral e toda a gama de benefícios que ela apresenta, logo no seu surgimento ela serviu aos interesses da classe dominante e do Estado, assim como a Educação Física num todo. Isto ocorreu a partir do Estado Novo (1937-1945) e durante o período da ditadura militar (1964-1985). A Educação Física era vista como um meio para desenvolver pessoas mais saudáveis para gerar uma nação mais saudável, onde a concepção militarista de formar homens fortes, capazes, eficientes, obedientes e mais produtivos teve influência marcante. Assim, essa visão da Educação Física também foi passada para a Ginástica Laboral, conforme observamos no depoimento da socióloga Maria Isabel de Souza Lopes (in BRUHNS, 2001, p.91) “o perigo desta prática de Educação Física é concebê-la como um torno

²² Compreendemos a visão mais humanizada da ginástica laboral, como sendo aquela que realmente se preocupa com o bem-estar dos trabalhadores e não apenas objetiva prepará-los melhor para o trabalho, incrementando a produtividade.

que molda seres humanos para servirem às máquinas que os próprios homens criaram e fabricaram para servir a eles”.

Mesmo decorrido um bom tempo, quebradas as barreiras e a rigidez dos quartéis, podemos ainda encontrar algumas pessoas que carregam resquícios dessa época e olham a Ginástica Laboral como forma de disciplina e para obtenção de maior produtividade no trabalho. O que defendemos é justamente o contrário a este ultrapassado modo de pensar. Ao invés de controle, rigidez, obediência e treinamento, visando unicamente produtividade, acreditamos nos benefícios gerados em termos de consciência corporal, bem-estar físico e social, prevenção de doenças decorrentes do trabalho e ganhos para a saúde num âmbito geral, o que propicia melhor qualidade de vida.

Para um bom entendimento das questões que a permeiam, é necessário que conheçamos do que trata essa prática.

A Ginástica Laboral é uma prática realizada no próprio ambiente de trabalho com o objetivo de amenizar os impactos nocivos do trabalho sobre o indivíduo²³. Tem como meta principal atuar de forma preventiva, tanto em relação aos acidentes de trabalho, quanto nas situações de estresse, agindo também no aumento do bem-estar e na disposição das pessoas, promovendo o relacionamento e a cooperação entre os diversos colaboradores (CAÑETE, 1996).

²³ Os impactos nocivos do trabalho sobre o indivíduo podem ser exemplificados pelas condições anti-ergonômicas dos equipamentos e mobiliários; o ritmo intenso das máquinas, que desconsidera as limitações individuais; a longa jornada de trabalho na qual se está exposto a tudo isto, além de outras situações associadas ao trabalho que podem desencadear conseqüências nocivas ao indivíduo.

Para Fontes (in LIMA, 2003), a Ginástica Laboral é uma atividade física diária, realizada no local de trabalho, com exercícios de compensação para movimentos repetidos, para ausência de movimentos e para posturas incorretas no local de trabalho.

A Ginástica Laboral pode ser classificada das seguintes formas:

- Ginástica Laboral de aquecimento / preparatória: realizada no início do expediente de trabalho, visando preparar o indivíduo para as atividades. Aquece e prepara os músculos, ativa a circulação geral e o aparelho respiratório, aguça os reflexos, reduz a formação de vícios posturais e, conseqüentemente, a diminuição das doenças da coluna.
- Ginástica Laboral Compensatória / de pausa: realizada durante a jornada de trabalho, com exercícios específicos para promover a compensação dos grupamentos musculares utilizados e quebrar a monotonia do trabalho, evitando acidentes. Relaxa, dispersa tensões e renova energias para prosseguir na atividade.
- Ginástica de relaxamento ou no final de expediente: encontrada também, embora com menor freqüência, visa relaxar e oxigenar as estruturas musculares envolvidas na execução do trabalho, bem como propiciar um momento de reflexão ao término do período trabalhado.

De acordo com Cañete (1996) e Lima (2003) a Ginástica Laboral objetiva, principalmente, prevenir a fadiga muscular, diminuir o índice de acidentes de trabalho, corrigir vícios posturais, prevenir os distúrbios osteomusculares

relacionadas ao trabalho (D.O.R.T.), aumentar a disposição do trabalhador e promover o bem-estar individual, entre outros.

Entendemos que a Ginástica Laboral vai muito além do que simples exercícios físicos. Ela serve também como meio de incentivar e valorizar a promoção da saúde, diminuindo o sedentarismo e o estresse, além de favorecer a consciência corporal e o relacionamento interpessoal de seus praticantes. Alguns estudos estão sendo realizados, apontando positivamente nesse sentido. Dentro desta nova proposta, buscamos compreender o ser humano com vontades e aspirações, nos cercando de diferentes olhares e contemplando a complexidade dos aspectos que concorrem para sua saúde.

Observa-se entre os praticantes uma melhora importante na socialização, interação e no clima organizacional, em virtude da promoção de atividades que consideram tais aspectos.

Sob o aspecto social, Lima (2003, p12) contribui reforçando esta tese de que “As relações saudáveis no ambiente de trabalho facilitam a comunicação, transformam o ambiente, proporcionam maior interação e aumentam a disposição para o trabalho”. A autora complementa afirmando:

[...] o programa de Ginástica Laboral estabelece um convívio social diário, sendo também um encontro marcado com a saúde, integrando as pessoas, de forma que se conheçam, através de uma comunicação ativa, expressada pelo corpo e pela cooperação nas atividades em duplas e dinâmicas em grupo (LIMA, 2003, p.12).

É justamente o enfoque do aspecto social que queremos ressaltar com a presente pesquisa, trazendo à tona as Representações Sociais contidas no interior da Ginástica Laboral e relacionando-as com a prática.

4.1 O corpo e a consciência corporal

O corpo é algo complexo, emblemático e cheio de significados. Encontramos dizeres como “matéria”, “objeto”, “depositário da alma”, “meio de locomoção”, entre tantos outros. Por muito tempo foi aceito o dualismo cartesiano, distinguindo o corpo em oposição à alma. Desta forma, o corpo acabava sendo negado e desprezado, pois no contexto em questão se exaltava a alma.

O corpo sempre esteve em evidência, seja desprezado ou exaltado. Hoje, mais do que nunca, se fala neste corpo que outrora foi deveras proibido e maltratado. Muitas pessoas passaram toda uma existência não sabendo que tinham um corpo e o que é pior, não sentindo seu corpo. Ou melhor, ao corpo até era permitido sentir, mas apenas sentir dor, tortura, castigo.

No campo da História, o tema do corpo, envolto pela subjetividade, é preocupação recente. As evidências com o corpo tornaram-se debate freqüente na sociedade e fizeram emergir as problemáticas sobre o mesmo. Os historiadores estão se perguntando sobre o corpo porque a sociedade está colocando esse tema em evidência (SANT’ANNA, 2001).

Encontramos muitas lacunas, muitas falhas na nossa educação, no que se refere à questão corporal, justamente por essa negação que sempre se pregou. Indivíduos sem noção de seu próprio corpo, com dificuldades para senti-lo, amá-lo e explorá-lo. Cabe aqui uma indagação para a qual não encontramos resposta: qual a ideologia ou que tipo de cultura esteve ou está por trás disso?

Muitas pessoas não conhecem seu próprio corpo, não sabem de suas possibilidades, de seu potencial. Este fato é bem descrito por Riviére quando diz que “Em geral, o homem com saúde é inconsciente de seu corpo ou, pelo menos, a atenção à aparência é apenas residual. Exceto em caso de doença, o sentimento de encarnação é relegado” (1996, p.183). Em síntese, o que o autor quer enfatizar é que “[...] o homem ocidental tenta não sentir o corpo, esquecê-lo o mais possível” (RIVIÉRE, 1996, p.184).

Tal modo de pensar é compartilhado por Merleau-Ponty (apud SANTIN, 1995, p.41), quando afirma que “o corpo é expressão e palavra. Entretanto, não aprendemos a ler este corpo”.

Seguindo esta linha de raciocínio, temos Marcel Mauss (apud BRUHNS, 1989), dizendo que o corpo aprende, e é cada sociedade específica, em seus diferentes momentos históricos e com sua experiência acumulada, que o ensina.

Sabemos que a partir das vivências pelas quais o corpo passa, é formada sua imagem corporal. Assim, “Entende-se por imagem do corpo humano a figuração de nosso corpo formada em nossa mente, ou seja, o modo pelo qual o corpo se apresenta para nós” (SCHILDER, 1999, p.7).

Essa imagem corporal, que vem corroborar a consciência corporal do indivíduo, é importante para toda ação humana. Por meio de contínuas alterações de posição estamos sempre construindo um modelo postural de nós mesmos, que se modifica constantemente (SCHILDER, 1999).

Nesta construção, Schilder nos diz que “O modelo postural de nosso corpo se relaciona com o modelo postural dos corpos dos outros” (1999, p.13).

Sendo a imagem corporal o resultado da vida social,

Sentimos que, quando alguém se aproxima, está se intrometendo em nossa imagem corporal, mesmo que esteja longe de nos tocar o corpo. Isto enfatiza mais uma vez o fato de a imagem corporal ser um fenômeno social (SCHILDER, 1999, p.234).

Seguindo esta afirmação, entendemos o que o autor diz sobre o fato de a imagem corporal ser um fenômeno social como algo importante para nosso estudo. Isso denota a importância da interação para o indivíduo e o reflexo desta interação na imagem que ele constrói sobre si.

Schilder (1999) coloca que o conhecimento de nosso corpo é o resultado de um esforço contínuo onde, para se chegar ao conhecimento organizado do corpo, o desenvolvimento é guiado pela experiência, erro e acerto, esforço e tentativas. O autor diz ainda que “A construção do modelo postural do corpo ocorre, no nível psicológico, através de um contato contínuo com o mundo externo” (SCHILDER, 1999, p.153).

Sabemos pouco a respeito de nosso corpo quando ele está parado. Através do movimento e de novos contatos com o mundo externo é que o apreendemos. Para tanto, utilizamos a imagem corporal para iniciar os movimentos, especialmente quando as ações são dirigidas a nosso próprio corpo (SCHILDER, 1999).

No que tange ao movimento, Schilder diz que ele “[...] leva a uma melhor orientação em relação a nosso corpo. Não sabemos muito a respeito do nosso corpo, a não ser que o movamos” (1999, p.125). Concordando com esta citação, enfatizamos a importância do movimento e, neste estudo, da prática da Ginástica Laboral, para o melhor entendimento do indivíduo sobre o seu corpo.

Em suma, entendemos que a prática da Ginástica Laboral contribui na consciência corporal de seus praticantes, propiciando uma melhor relação consigo mesmos e com os outros.

5 COMO FIZEMOS – O MÉTODO DA PESQUISA

Neste capítulo, apresentamos as opções metodológicas, a descrição dos participantes, bem como as técnicas de coleta de dados e o processo de análise e interpretação dos dados utilizados nesta investigação.

O estudo foi realizado sob o paradigma qualitativo, através da Sociologia Compreensiva, que, em linhas gerais, “coloca como tarefa das Ciências Sociais a compreensão da realidade humana vivida socialmente[...]”. Assim, nossa preocupação não será em quantificar e sim, tentar descrever as relações sociais estabelecidas e que podem ser aprendidas através do cotidiano, da vivência e da explicação do senso comum (MINAYO, 2000, p.11).

O paradigma adotado para a leitura e interpretação dos dados é o fenomenológico, por ser o que se aproxima da vida cotidiana e traz à discussão a questão da subjetividade. Schütz (apud MINAYO, 2000, p.56) coloca que “o propósito do cientista social é revelar os significados que penetram no universo dos atores sociais”. Desta forma, julgamos ser este o mais adequado para nosso propósito que é identificar como se manifestam as Representações Sociais do trabalho nos praticantes de Ginástica Laboral.

O grupo pesquisado foi constituído de 8 (oito) colaboradoras do Centro Universitário Feevale, do Setor de Higienização, onde a prática da Ginástica Laboral é propiciada desde setembro de 2001 e por ser este o grupo mais numeroso e participativo. No que tange à observação, ocorreram em 4 (quatro) momentos no qual a pesquisadora se fez presente às práticas, sempre em horário pré-estabelecido e sob acompanhamento de um estagiário acadêmico de Educação Física.

Por se tratar de uma pesquisa envolvendo diretamente os indivíduos, segundo a Resolução nº 196/1996 do Conselho Nacional de Saúde, se fez necessária a apreciação do projeto no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do próprio Centro Universitário Feevale, tendo recebida a aprovação.

5.1 Caracterização da pesquisa qualitativa

Na pesquisa qualitativa não existe preocupação em generalizar os resultados, ela proporcionará ao pesquisador reduzir a distância entre a teoria e os dados, pois terá a compreensão dos acontecimentos pela sua descrição e interpretação.

A pesquisa qualitativa, nas ciências sociais, preocupa-se com um nível de realidade que não pode ser medido ou quantificado (MINAYO, 1994).

Reforçando o pensamento de Minayo, “a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas” (1994, p.22).

Para Müller (2004, p.35) “a pesquisa qualitativa analisa as várias questões do meio pesquisado, possibilitando a visão do todo, considerando os momentos pessoais e em grupo, a estrutura dos movimentos, a influência no contexto estudado, entre outros fatores”.

A pesquisa qualitativa reúne um volume enorme de dados, provenientes de entrevistas, que procuram extrair do colaborador sentimentos que possam estar obscuros aos olhos do pesquisador, a fim de enriquecer a interpretação dos dados. Neste tipo de pesquisa, os sujeitos estudados são vistos como um todo, temos a possibilidade de conhecê-los melhor e não simplesmente reduzi-los a variáveis isoladas ou meras hipóteses.

5.1.1 A Sociologia Compreensiva

A Sociologia Compreensiva tem sua origem com Max Weber que define a sociologia como “uma ciência que pretende compreender interpretativamente a ação social e assim explicá-la causalmente em seu curso e em seus efeitos” (2000, p.3). Como recurso metodológico, o método da sociologia compreensiva é racionalista (WEBER, 2000).

Para Weber, “a finalidade da ciência é a busca infinita e a luta pelo progresso do conhecimento (1999, p. XVIII). Dessa forma, o autor “concebe a sociologia como ciência da ação social, preocupado com a pesquisa das uniformidades da conduta e procurando compreendê-las por seu significado”. Assim, cabe à sociologia compreensiva “elaborar critérios para estudo recorrente do comportamento dos sujeitos” (1999, p. XXXV).

Segundo Minayo (1994, p.24) “a Sociologia Compreensiva propõe a subjetividade como o fundamento do sentido da vida social e defende-a como constitutiva do social e inerente à construção da objetividade nas Ciências Sociais”.

Em síntese, Weber, juntamente com Durkheim, “nos remete à importância de compreensão das idéias e de sua eficácia na configuração da sociedade apelando ao estudo empírico de desenvolvimento histórico” (MINAYO, 2000, p.163). Dessa forma, Weber elabora suas concepções dentro do campo das Representações Sociais, contribuindo para a construção da teoria.

5.1.2 A Fenomenologia

A fenomenologia, influenciada principalmente pelos filósofos Edmund Husserl e Alfred Schütz, tenta compreender o significado que os acontecimentos e interações têm para as pessoas.

Relaciona-se também na Sociologia de Weber (que inspirou Schütz), que enfatiza a compreensão interpretativa das interações humanas, pois no seu entendimento é na ação que está contida toda a conduta humana, na medida em que o ator lhe atribui um sentido subjetivo. Encontramos o peso da sua contribuição através da “presença fundamental do conceito central weberiano: o significado da ação social” (MINAYO, 2000, p.52).

Segundo VÍctora (2000), a fenomenologia trata de descrever e não de explicar e nem analisar dados. Devemos ter idéias básicas do que julgamos conveniente sublinhar para, logo após, ter a intenção de desvendar o objeto de nosso estudo.

De acordo com Minayo, a teoria “defende a idéia de que as realidades sociais são construídas nos significados e através deles, e só podem ser identificadas na medida em que se mergulha na linguagem significativa da interação social” (2000, p.34).

Na concepção de Merleau-Ponty (1999), a fenomenologia é o estudo das essências e todos os problemas se resumem a defini-las. Para o autor, o conceito não se acaba aqui, pois vê a fenomenologia também como uma filosofia que repõe as essências na existência. Assim, o real deve ser descrito e não construído. A percepção passa a ser o fundo sobre o qual todos os atos se destacam, sendo pressuposta por eles.

A fenomenologia sociológica propõe a subjetividade como o cerne da teoria e constitutiva do ser social, apresentando a proposta da descrição fenomenológica como atribuição fundamental da sociologia (MINAYO, 2000). Nessa abordagem, o

que se busca é compreender os sujeitos baseados nos seus pontos de vista, baseada numa realidade que é socialmente construída (BOGDAN & BIKLEN, 1994).

5.1.3 O Estudo de Caso

O estudo de caso pode ser definido como um processo que busca descrever e analisar em profundidade o que se desenvolve em determinado caso e em determinado período de tempo, em termos complexos e compreensivos.

Para Possebom (2004), o estudo de caso tem por tarefa aprofundar o nível de compreensão do momento que está sendo vivido. De acordo com a autora,

[...] trata-se de um tipo de pesquisa que representa uma estratégia de investigação que examina um fenômeno no seu estado natural, empregando múltiplas técnicas de coleta e tratamento de dados sobre uma ou algumas entidades (pessoas, grupos, organizações ou instituições) [...] (2004, p.54).

No estudo de caso, há uma constante preocupação do pesquisador com todo o processo de pesquisa e não apenas com os resultados e o produto, pois o interesse está centrado na manifestação das atividades, dos procedimentos e das interações cotidianas. Também não há uma rigidez a ser seguida, já que questionamentos e mudanças de conceito surgem à medida que o trabalho é desenvolvido.

Segundo Bogdan & Biklen (1994), o estudo de caso é comparado a um funil, onde o início é representado pela parte mais larga, quando o investigador procura

locais ou pessoas que possam ser seu objeto de estudo ou sua fonte de dados. Inicia com a tarefa de procurar indícios, recolher dados, explorá-los, além de organizar tudo o que se refere à pesquisa. Ao passo que as questões vão sendo aprofundadas, modificadas e selecionadas, vai se delimitando a área de trabalho até que fique restrita.

Dentro dessa perspectiva, desenvolvemos nosso projeto de pesquisa.

5.1.4 Caracterização do Grupo

O Setor de Higienização é constituído por 38 colaboradoras que atuam no turno da tarde e assim participam das sessões de Ginástica Laboral.

Caracterizando o grupo a ser estudado, a fim de compreendermos o contexto investigado, podemos dizer que ele é composto, predominantemente, por mulheres na faixa etária compreendida entre 29 e 52 anos, cujo nível de escolaridade varia de ensino fundamental completo a ensino superior incompleto. O grupo se reúne quatro vezes na semana, no período de 10 minutos, para a prática da Ginástica Laboral, sob orientação de um acadêmico do curso de Educação Física. Vale ressaltar que essa atividade é realizada dentro da jornada de trabalho. A adesão é voluntária e conta com a participação de 95% do setor.

A fim de apresentarmos o perfil de cada entrevistada, no que se refere à idade, ao tempo de serviço na Instituição e ao nível de escolaridade, seguem no quadro seguinte os dados.

Quadro 1: Perfil das entrevistadas

Entrevistada	Idade	Tempo de Serviço	Escolaridade
Entrevistada 1	51 anos	4 anos e 1 mês	Ensino médio incompleto
Entrevistada 2	44 anos	3 anos e 10 meses	Ensino fundamental
Entrevistada 3	33 anos	1 ano e 10 meses	Ensino médio
Entrevistada 4	50 anos	3 anos	Superior incompleto
Entrevistada 5	51 anos	4 anos e 6 meses	Superior incompleto
Entrevistada 6	50 anos	5 anos e 8 meses	Ensino fundamental
Entrevistada 7	29 anos	5 anos	Ensino fundamental
Entrevistada 8	41 anos	9 anos	Superior incompleto

Em decorrência do tempo de serviço apresentado pelas colaboradoras, notamos que há uma baixa rotatividade dentro da Instituição, o que é considerado muito raro nos dias de hoje, num mundo do trabalho tão instável.

Outro aspecto importante a salientarmos está relacionado ao nível de escolaridade das entrevistadas. Por trabalharem numa Instituição de Ensino que se preocupa e busca a valorização dos seus colaboradores internos, os mesmos possuem acesso facilitado aos estudos no que diz respeito ao investimento. Dessa forma, possuímos colaboradoras concluindo o Ensino Médio e outras cursando o Ensino Superior, todas com o objetivo de obter melhor qualificação, para poder lutar por melhores oportunidades.

A rotina de trabalho das pesquisadas envolve as tarefas de varrer ou lavar o chão, arrumar as classes das salas de aula e limpar os quadros, escovar banheiros, recolher os lixos, repor os materiais nos banheiros (sabonete e papel higiênico), além de atenderem a alguma eventualidade no prédio pelo qual são responsáveis. As colaboradoras estão divididas em duplas de trabalho e são encarregadas da higienização de determinado prédio. Entre elas ocorre um rodízio de tarefas, sugerido pelo profissional de Medicina do Trabalho. Assim, se em determinado andar uma foi responsável pela limpeza chão e a outra pela das classes e do quadro, no outro andar é trocada de função, evitando-se que façam a mesma movimentação e utilizem os mesmos grupos musculares de forma repetitiva.

Diferentemente da maioria, uma das duplas trabalha na Clínica da Saúde, onde as atividades diferem um pouco das demais, pois envolve a limpeza das piscinas terapêuticas, os vestiários e corredores de acesso.

A cada semestre, as duplas são trocadas, bem como o prédio no qual irão trabalhar, promovendo desta forma a interação entre as trabalhadoras, entre as pessoas circulantes destes espaços e evitando também o “olhar viciado²⁴” sobre seu próprio ambiente de trabalho.

Cabe salientar que estas trabalhadoras convivem com vários públicos, envolvendo professores, funcionários e acadêmicos das diversas áreas de conhecimento: Ciências da Saúde, Ciências Exatas e Tecnológicas, Ciências Sociais Aplicadas e, por fim, Ciências Humanas, Letras e Artes. Isso possibilita de que

²⁴ Este “olhar viciado” ao qual nos referimos, é explicado pela responsável do Setor de Higienização como sinônimo de acomodação. Sob este ponto de vista, entende-se que uma colaboradora que

ocorra uma interação com diferentes pessoas, contribuindo para troca de experiências.

5.2 Técnica de coleta de dados

Como instrumentos de trabalho utilizamos a observação participante, a entrevista semi-estruturada e o grupo focal, a fim de obter o máximo de informações e depoimentos dos participantes envolvidos na presente pesquisa, além de, como nos cita Minayo (2000, p.203), “ultrapassar o nível do senso comum e do subjetivismo na interpretação e alcançar uma vigilância crítica frente à comunicação de documentos, textos literários, biografias, entrevistas ou observação”.

Tanto na aplicação da entrevista individual, quanto na utilização do grupo focal, há limitações, vantagens e desvantagens. Por isso, preferimos utilizar ambas as técnicas de pesquisa qualitativa, para superar as desvantagens que tais técnicas apresentam. Também utilizamos a observação participante para complementar a coleta e enriquecer a triangulação dos dados.

Acreditamos que a combinação destas três técnicas fornece maiores subsídios na análise dos dados.

5.2.1 Observação participante

Através da Observação Participante, podemos colher mais dados, principalmente no que se refere à subjetividade dos indivíduos. A observação na pesquisa qualitativa possui o significado de examinar, com todos os sentidos, aquele que é o nosso objeto pré-definido, a fim de descrevê-lo. Ao observador cabe ser discreto, distante e próximo ao mesmo tempo, sem deixar de lado a observação de elementos muito importantes como o ambiente, os comportamentos individuais e grupais, bem como toda expressão manifesta através da linguagem não-verbal. (VÍCTORA, 2000).

Concordamos com Becker & Geer (apud BAUER & GASKELL, p.72) quando os autores afirmam que “a observação participante é a forma mais completa de informação sociológica”, pelos motivos citados acima.

Seguindo essas orientações, as observações foram realizadas em quatro encontros, no período de março a abril de 2006, durante a prática da Ginástica Laboral. Nosso principal objetivo, ao adotar a observação participante, é lançar o olhar sobre como as colaboradoras se relacionam com seu próprio corpo, além das interações sociais e afetivas que possam ocorrer durante esse único momento no qual todo o grupo efetivamente se reúne.

5.2.1.1 Diário de campo

O diário de campo é uma das técnicas de registro de dados. Foi utilizado na observação participante para sistematizar as informações e observações obtidas.

Segundo Víctora, o diário de campo consiste no “registro fiel e detalhado de cada visita a campo, independentemente do fato de terem sido usadas outras técnicas de pesquisa” (2000, p.73).

O diário é documento pessoal do pesquisador, portanto de acesso exclusivo a ele, e deve conter um registro cronológico das atividades desenvolvidas, pois são essas informações que contribuirão para subsidiar a análise dos dados coletados das mais diferentes formas.

No diário de campo, incluem-se todas as informações obtidas além do registro das entrevistas formais. De acordo com Minayo,

[...] observações sobre conversas informais, comportamentos, cerimoniais, festas, instituições, gestos, expressões que digam respeito ao tema da pesquisa. Fala, comportamentos, hábitos, usos, costumes, celebrações e instituições compõem o quadro das REPRESENTAÇÕES SOCIAIS. (2000, p.100)

Dessa forma, entendemos como de suma importância a apropriação desta técnica para o estudo, pois possibilita registrar as impressões e reflexões do pesquisador para posterior confrontação com as demais técnicas empregadas.

5.2.2 Entrevista

Os instrumentos de coleta de informações, em uma pesquisa qualitativa, devem ser elaborados dentro de uma perspectiva diferenciada daquela que serve de modelos matemáticos, ou seja, mais abertos (NEGRINE, 1999).

Bogdan e Biklen (apud BIRCK, 2004, p.79), citam que uma entrevista “consiste numa conversa intencional, geralmente entre duas pessoas, embora por vezes possa envolver mais pessoas”. É considerada um dos instrumentos básicos, utilizado na coleta de dados, que permite a captação imediata e corrente da informação desejada, possibilitando correções, esclarecimentos e adaptações que a tornam eficaz na obtenção de informações.

Para Robert Farr (apud BAUER & GASKELL, 2004, p.64) a entrevista qualitativa é “essencialmente uma técnica ou método, para restabelecer ou descobrir que existem perspectivas, ou pontos de vista sobre os fatos, além daqueles da pessoa que inicia a entrevista”.

O objetivo da entrevista qualitativa é “uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos” (GASKELL, in BAUER & GASKELL, 2004, p.64). Nessa técnica, o que se pretende não é contar e sim explorar as opiniões e diferentes representações sobre o assunto em debate.

Negrine (1999) entende que a entrevista é uma estratégia que permite o estabelecimento de um melhor vínculo com o indivíduo, e maior profundidade nas perguntas estabelecidas pelo pesquisador, desenrolando-se a partir de um esquema básico (mas não aplicado rigidamente), permitindo adaptações, realizadas inclusive no momento da efetivação da entrevista, além de oferecer liberdade ao entrevistado para abordar aspectos relevantes sobre o tema.

A entrevista qualitativa pode ser realizada com apenas um indivíduo ou com um grupo (grupo focal). Independente da forma escolhida, a pesquisa utilizando entrevistas faz parte de “um processo social onde há interação, um empreendimento cooperativo, onde várias realidades e percepções são exploradas e nos quais as palavras são o principal meio de troca” (GASKELL, in BAUER & GASKELL, 2004, p.73). Para complementar, Minayo (1994, p.57) nos diz que “através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais”.

A fim de obtermos um bom direcionamento da entrevista, ela deve seguir um tópico guia, planejado para dar conta dos fins e objetivos da pesquisa, funcionando também como um esquema para a análise das transcrições. No decorrer das entrevistas, alguns tópicos planejados podem vir a se tornarem desinteressantes ou já terem sido contemplados por entrevistados anteriores. Por isso, o tópico guia deve ser usado com flexibilidade (BAUER & GASKELL, 2004).

A entrevista utilizada no estudo foi elaborada contendo perguntas abertas com o intuito de deixar o colaborador à vontade para explanar tudo o que sente, deixá-lo livre para colocações a respeito (Apêndice A).

Utilizamos a entrevista do tipo semi-estruturada, com a finalidade de obtermos informações de qualidade, de acordo com o problema pesquisado e com certo nível de flexibilidade para o entrevistador aprofundar algumas respostas, bem como propiciar liberdade para o entrevistado discorrer sobre o que lhe foi questionado.

A partir de um esquema básico aplicado com flexibilidade, o pesquisador introduz o tema da pesquisa, pede ao entrevistado que discorra sobre o assunto, interferindo quando julgar conveniente fazer adaptações ou inserir outros tópicos de interesse. Tais interferências devem ser sutis, deixando o entrevistado à vontade para expressar suas idéias. É requisito fundamental ao entrevistador a capacidade de saber ouvir e garantir o clima de confiança com seu entrevistado.

No momento da aplicação, se fez o uso do gravador para possibilitar a transcrição das entrevistas e a correção por parte do entrevistado, evitando assim que sejam perdidas informações ou detalhes necessários para o enriquecimento do trabalho. Antecedendo à entrevista propriamente dita, foram apresentados os objetivos da pesquisa, bem como lido e assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B) pelas colaboradoras.

5.2.3 Grupo Focal

O grupo focal consiste numa entrevista, realizada em grupo, com um tema em específico. Objetiva captar diferentes visões sobre o tema, através da interação

explícita do grupo, enriquecendo os dados obtidos na observação participante e nas entrevistas individuais.

O grupo focal objetiva incentivar os participantes a expressarem suas opiniões, concordando ou discordando dos demais. Neste caso o entrevistador interfere apenas como mediador, lançando ao debate as questões propostas (GASKELL, in BAUER & GASKELL, 2004).

Segundo Gaskell, “o grupo focal é um ambiente mais natural e holístico em que os participantes levam em consideração os pontos de vista dos outros na formulação de suas respostas e comentam suas próprias experiências e as dos outros” (in BAUER & GASKELL, 2004, p.75). Reforçando esta idéia, temos Minayo (2000, p.129) que diz:

O específico do grupo de discussão são as opiniões, relevâncias e valores dos entrevistados. Difere por isso da observação que focaliza mais o comportamento e as relações. Tem uma função complementar à observação participante e às entrevistas individuais.

Para Gaskel (in BAUER & GASKELL, 2004, p. 79), “o debate é uma troca de pontos de vista, idéias e experiências, embora expressas emocionalmente e sem lógica, mas sem privilegiar indivíduos participantes ou posições”.

Em virtude do acima exposto, utilizamos tal técnica nesse estudo, buscando ao máximo dar conta do objetivo proposto e responder ao problema que nos instiga.

O grupo focal foi realizado no mês de abril, no turno da tarde, em sala reservada e favorável a um debate sem interrupções e sem muitos ruídos externos que interferissem no andamento do trabalho.

Como o grupo já se conhecia, foi desnecessária apresentação dos participantes. Novamente foram colocados os objetivos da pesquisa e iniciada a atividade com a técnica de associação livre, onde contamos a fábula do poeta francês *La Fontaine* (1621-1695), intitulada “A Cigarra e a Formiga” (Anexo A). Optamos pela utilização desta clássica fábula para “quebrar o gelo”, incentivar a participação de todas através de uma história amplamente conhecida e assim desencadear um processo de reflexão sobre o que é trabalho e os seus sentidos, abordando também a questão do trabalho imaterial, haja vista que é muito forte a questão da centralidade que o trabalho tem para as participantes.

5.3 Análise e interpretação dos dados

Um dos pontos mais importantes e difíceis de uma pesquisa é a análise e interpretação dos dados. Nesse momento, devemos reunir tudo o que foi coletado, das mais diferentes formas, e analisar juntamente com todo o embasamento teórico.

A triangulação, ou seja, o uso de várias fontes de dados, permite a busca por maior fidedignidade nos resultados. Conforme Triviños (1990) se trata de usar vários instrumentos, um servindo de complemento ao outro. Para Cauduro (2004), “triangulação é como costurar uma colcha de retalhos, é a criatividade na montagem

da costura”, nesse caso, nos reportando à análise e interpretação dos dados. Neste estudo, utilizamos a triangulação teórica, de fontes metodológicas e reflexivas, compilando informações da fundamentação teórica, das respostas da entrevista e do grupo focal.

Assim, apresentam-se as questões estabelecidas e sua confirmação ou não na pesquisa empírica, para a discussão. Nesta fase do trabalho, é necessária a máxima atenção para que não cometamos nenhum equívoco.

Após a transcrição e leitura de todo o material coletado e relacionando-o com o marco teórico que lhe dá sustentação, chegamos às categorias temáticas para análise.

5.3.1 Análise de conteúdo

Partindo para a análise e interpretação dos dados, propriamente dita, procuramos na análise de conteúdo o adequado tratamento dos dados, por se tratar de um método de análise de texto desenvolvido dentro das ciências sociais empíricas (BAUER & GASKELL, 2004).

Na análise de conteúdo, buscamos a aproximação entre teoria e prática no campo das investigações sociais, ultrapassando o senso comum e o subjetivismo na interpretação, bem como mantendo uma vigilância crítica.

Segundo Bardin, a Análise de Conteúdo pode ser definida como:

Um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção / recepção destas mensagens. (1995, p.42)

Não podemos esquecer que “na análise qualitativa é a presença ou ausência de uma dada característica de conteúdo ou de um conjunto de características num determinado fragmento de mensagem que é tomado em consideração” (BARDIN, 1995, p.21)

Segundo Minayo, “através da análise de conteúdo, podemos encontrar respostas para as questões formuladas e também podemos confirmar ou não as afirmações estabelecidas antes do trabalho de investigação (hipóteses)”. A autora afirma ainda que a análise de conteúdo também atende à “descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos, indo além das aparências do que está sendo comunicado” (1994, p.74).

Tradicionalmente, a análise de conteúdo trabalha com materiais textuais escritos, mas procedimento semelhante não pode ser desconsiderado quando aplicado a imagens ou sons (BAUER & GASKELL, 2004).

A análise implica na imersão do pesquisador no *corpus* do texto, com a leitura e releitura das transcrições de entrevistas, as anotações das observações e tudo o que o pesquisador já pensou sobre o assunto. De acordo com Gaskell (in BAUER & GASKELL, 2004, p.86), “a análise não é um processo puramente mecânico. Ela depende de intuições criativas [...]”.

Para Bardin (1995, p.42),

Tratar o material é codificá-lo. A codificação corresponde a uma transformação – efetuada segundo regras precisas – dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração permite atingir uma representação do conteúdo ou da sua expressão, suscetível de esclarecer o analista acerca das características do texto.

No conjunto das técnicas de análise de conteúdo, a análise por categorias é a mais antiga e mais utilizada, por ser rápida e eficaz. No entendimento de Bardin, “o tema é a unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo certos critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura” (1995, p.105).

É importante ressaltar a observação que Bauer (in BAUER & GASKELL, 2004, p.195) nos faz, dizendo que “a teoria e o problema – que carregam em si os preconceitos do pesquisador – serão responsáveis pela seleção e categorização dos materiais de texto, tanto implícita, como explicitamente”.

Assim, após a análise de conteúdo, partimos para a apreciação das categorias empíricas, construídas a partir dos elementos dados pelo grupo pesquisado. A análise de conteúdo aqui empregada se refere à análise dos significados, neste caso, a análise temática (BARDIN, 1995, p.34).

Através da análise de conteúdo, extraímos o que se encontra implícito nas entrelinhas, ou seja, o que apresentamos neste estudo como as Representações Sociais.

6 MONTANDO AS ENGRENAGENS

Após a tarefa de transcrever cada uma das entrevistas individuais e a entrevista coletiva (grupo focal), agregados os dados obtidos na observação participante e inscritos no diário de campo, iniciou-se a fase de leitura minuciosa de todo o material.

Esta é uma etapa que exige um olhar crítico, acompanhado de muita reflexão, pois é o momento de identificar as relações existentes e que vão se estabelecendo desde o início do processo de construção da pesquisa.

Sobre este assunto, temos a importante contribuição de Alves-Mazzotti & Gewandsznajder que afirmam:

Pesquisas qualitativas tipicamente geram um enorme volume de dados que precisam ser organizados e compreendidos. Isto se faz através de um processo continuado em que se procura identificar dimensões, categorias, tendências, padrões, relações, desvendando-lhes os significados (1999, p.170).

A organização dos dados também é comentada pelos autores como sendo a fase de organização do material, tornando-o pronto para a triangulação dos dados, após a devida seleção, triagem, releitura e interpretação (CAUDURO, 2004).

Ainda sobre a análise de dados, Triviños (1987) destaca ser impossível analisar as informações tais como elas se apresentam. É necessário organizá-las, classificá-las e interpretá-las, procurando distinguir o desnecessário e extrair o fundamental.

Conforme Minayo (2000), a exploração do material coletado permite realizar a classificação e agregação dos dados. Através de recortes do texto em unidades de registro, os resultados serão inseridos em categorias específicas.

Desta forma, dividimos a pesquisa em partes, relacionando-as individualmente e entre si, codificando todas as informações pertinentes ao nosso objeto de estudo. Optamos pela idéia de trabalhar sob a forma de categorias temáticas para assim darmos maior visibilidade às Representações Sociais do Trabalho dos praticantes de Ginástica Laboral.

Com base nas duas grandes categorias – Trabalho e Ginástica Laboral – desmembramos as categorias acima citadas em subcategorias de análise, ficando assim divididas como se apresenta no quadro 2.

Quadro 2: Categorias e subcategorias

<i>Categorias</i>	<i>Subcategorias</i>
Trabalho	O trabalho como obrigação e sobrevivência
	O trabalho como satisfação
	A visão crítica do trabalho
	A centralidade do trabalho
	Outras formas de trabalho
	A (des)valorização do trabalho
Ginástica Laboral	A importância da Ginástica Laboral
	A Ginástica Laboral como fator de socialização
	A Ginástica Laboral como educação para saúde e qualidade de vida
	O (des)conhecimento em relação à Ginástica Laboral

Na última fase de análise desse processo, realizamos a triangulação utilizando as informações coletadas, o marco teórico e as reflexões da pesquisadora. Nesse momento efetuamos a análise de conteúdo e buscamos responder nossa pergunta inicial, atendendo aos objetivos da pesquisa.

A seguir, abordaremos as categorias ordenadas, descritas e detalhadas, buscando atender aos objetivos do estudo.

6.1 Trabalho

Nesta categoria, procuramos abordar todas as falas que pudessem expressar as Representações Sociais que as colaboradoras formaram ao longo de sua trajetória de vida e que se encontram no modo de pensar de cada uma. Dissecando cada uma das falas, extraímos importantes conceitos que detalharemos, amparados

pelos autores que sustentam este referencial, além de outros que possam contribuir para elucidar nossas dúvidas.

6.1.1 O trabalho como obrigação e sobrevivência

Ao falarmos de trabalho como sobrevivência, logo nos vêm à mente uma imagem da infância, ao final da década de 1980, na qual operários de certa empresa formavam fila no Departamento de Pessoal para retirarem o envelope contendo o salário de um mês inteiro de trabalho. Enquanto esperavam por sua vez, se ouvia o burburinho das pessoas conversando e comentando o destino que dariam à remuneração. O ponto comum a todos consistia na aquisição do “rancho²⁵” para poder servir à alimentação do mês corrente. Ora, isso nada mais é do que a sobrevivência, necessidade básica de qualquer um e muito bem representada pelas falas a seguir:

“Trabalho é uma coisa que a gente tem que ter, é o sustento, né. A gente tem que trabalhar prá tirar o sustento” (Entrevistada 4).

“[...] trabalho eu acho que é uma coisa muito importante, um modo de sobrevivência” (Entrevistada 7).

²⁵ O correspondente à cesta básica de alimentos.

“Eu preciso do trabalho prá sobreviver, né. É dele, né, do meu trabalho eu faço muitas coisas sabe, depende dele prá sobreviver, prá criar 2 filhos” (Entrevistada 6).

Agora, o trabalho, ele [...] acredito que ninguém viva sem o trabalho, ninguém possa sobreviver, nem a si nem ao semelhante” (Entrevistada 5).

Podemos perceber o quanto é forte esta idéia do trabalho como sobrevivência, como forma de sustento para as colaboradoras e as demais pessoas que dependem delas.

Na obra de Weber, intitulada “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo” há uma passagem contando que no Protestantismo ascético, é dada ênfase à vontade de Deus ao observamos as seguintes expressões lançadas por Baxter (in WEBER, 2003, p.87): “Quem não trabalha não deve comer” (condenando a falta de vontade de trabalhar e detectando como um sintoma da ausência do “estado de graça”) ou ainda “Nem o rico pode comer sem trabalhar, pois mesmo que não precise disso para o seu sustento, ainda assim prevalecerá o mandamento de Deus, que deve ser obedecido por ele, tanto quanto pelo pobre”. Tais passagens reforçam a representação social que as entrevistadas possuem sobre o trabalho, como uma questão de sobrevivência, bem como obrigação, já que até o rico é obrigado a trabalhar, pois essa é a vontade de Deus.

A colaboradora abaixo, coloca isso sob outro ponto de vista que ainda não fora abordado por nós: a questão do trabalho como uma recompensa e que Max

Weber (2003) coloca como um sinal de cumprimento do dever espiritual e de escolha divina.

“Ah eu acho que trabalho a gente tem que vestir a camiseta e fazê. Não importa se é pesado ou se é leve, tem que procurar fazer, tem que trabalhar sempre. Eu penso isso do trabalho. Eu acho que eu tô ganhando, eu tenho que trabalhar”.
(Entrevistada 1).

Queremos realçar a fala de duas colaboradoras, na íntegra, pois carrega todo um significado especial, toda uma construção sobre as Representações Sociais do trabalho que herdaram inconscientemente de seus pais:

“Eles colocavam regras pra nós. O pai fazia assim, ó, a gente trabalhava na roça, dependendo os nossos tamanhos nós tinha que capiná. Em dia de chuva a gente pensava: ‘ah hoje eu vou descansá’, não, a gente tinha que ir lá pro paiol, daí a gente pegava aquelas latas grandes de banha de antigamente, e daí ele pegava ali, e dependendo do tamanho, digamos assim: a minha irmã era menor do que eu, então ela tinha que debulhar o milho até naquela parte da lata, eu era maior, então tinha que debulhar mais, meu irmão mais velho, mais. Dependendo do nosso tamanho, era nosso trabalho, o que nós tinha que fazê. Ou em dia de chuva roçá, que era um dia bom prá roçá porque não tinha cobra, essas coisas né no meio [...] O meu pai me ensinou a trabalhar muito, muito mesmo. Nós todos lá da minha casa. De 9 filhos, tão todos bem assim, não dá pra dizer que nenhum é assim preguiçoso, que não quer trabalhar ou não tá interessado [...] o pai deixou uns valores bem legal pra nós. Ele não era de muito diálogo não. Ele estabelecia uma ordem e tinha que cumprir, e se não cumprisse a coisa ficava feia daí, né (risos) [...] Minha mãe

trabalhava bastante, minha mãe trabalhava muito, meu pai também, todos eles trabalhavam bastante. Eles colocavam nós no serviço, mas eles trabalhavam. Eles davam o exemplo. [...] Minha mãe chegava ao meio-dia, ia fazer o almoço. Eu me lembro que a gente não tinha assim nenhum tempinho prá almoçar, prá descansar um pouquinho sabe. Tava sempre fazendo alguma coisa e depois eles chegavam na roça e eles já marcavam, tu vai capiná esse tanto, mas o tanto que ele dava prá gente capiná [...] o sol ia embora e a gente continuava capinando até terminar. Não importava o tempo que tu ia ficar lá. Tinha que terminá o pedaço que ele te deu, e parece que ele sabia exatamente o que a gente ia conseguir fazer” (Entrevistada 1).

Este relato traz uma grande riqueza de informações e de representações: o trabalho disciplinado, com regras; as atribuições de cada um, de acordo com as suas capacidades; os ensinamentos que o pai deixou em trabalhar muito e servir como exemplo; o fato de nenhum dos filhos ser preguiçoso e também a obediência que os filhos tinham, talvez até em função da falta de diálogo do pai.

Assim, ao mesmo tempo em que o pai impunha o trabalho como obrigação, a colaboradora afirma que a figura paterna serviu como exemplo, contribuindo para deixar valores importantes.

Já a colaboradora a seguir, destaca o papel da mãe dentro desta história:

“Minha mãe sempre trabalhava por obrigação, por obrigação. Ela não trazia dinheiro pra casa, ela dava tudo pro meu pai. Então, não usava o dinheiro. Ela ia obrigada trabalhar, porque tinha que trabalhar, né, porque tinha que trazer o dinheiro prá casa, né e dá pra ele. Não usava nada, nunca pegou dinheiro. Ela pegava o

envelope fechadinho e dava pro meu pai e ele fazia o que bem entendia. Tinha que trabalhar prá se sustentar, porque a mãe não vai viver a vida inteira, né. Tem que trabalhar [...] tem que arrumar emprego. Trabalhar prá poder estudar. Desde os 17 anos, quanto eu parei de estudar, que eu não pude mais, eu pensava [...] um dia eu tenho que trabalhar num emprego onde eu possa voltar a estudar. Eu tinha vontade de estudar” (Entrevistada 4).

Além do caráter de obrigatoriedade e da submissão da mulher frente ao homem, esta fala deixa explícito o desejo de estudar. Ora, em função da necessidade de trabalhar, muitas pessoas não conseguem conciliar os estudos e acabam abandonando a escola. Outras vezes, a necessidade de trabalhar não é a questão principal, mas sim algo imposto pelos pais, como podemos observar na fala da colaboradora:

“Eu não queria mais estudar, né, daí eu fiz a 5ª série aquele ano, e daí ele disse: ‘Bom, se tu não quer mais estudar, vai trabalhar’. E foi o que eu fiz, né. Mas depois quando eu vi era assim meio difícil tudo, né, daí eu disse: ‘Não, eu quero uma coisa melhor pra mim’. E voltei a estudar pra conseguir algo melhor” (Entrevistada 6).

Segundo Antunes (2003), o aumento significativo do trabalho feminino chega a atingir 40% do total da força de trabalho. Em parte, este ingresso no mundo do trabalho ocorreu por meio do processo de emancipação parcial das mulheres.

No caso destas colaboradoras, elas enfatizam que houve uma obrigação, devido à necessidade de participar na manutenção do lar, ou de até assumir sozinha esta sobrevivência.

“Eu acho que é prá ajudar na sobrevivência e se valorizar. A mulher viu, eu acho que foi visto prum outro lado, assim oh, que duns anos prá cá, tem muita mulher sozinha criando os filhos. Então ela foi à luta, ela foi obrigada a ir à luta prá se sustentá e sustentá filho, porque lei, a gente não faz cumpri as leis no Brasil, que nem a Lei da Alimentação, que o pai tem, o pai largô, mas o filho ele botô no mundo, ele tem que alimentá. E muita gente, eu me incluo, eu sou uma porque eu também não fui atrás, pro meu ex-marido sustentá minha filha, porque na época, eu ganhava superbem e ele era muito pobre, e aí eu fiquei com medo de ter que pagar pensão prá ele, então eu não fui procurá ajuda, eu sustentei minha filha, eu criei ela sozinha, mas eu fui à luta, eu trabalhei, estudei, criei ela, né, sozinha, mas muitas são bem pobres, né, elas tem que batalhá” (Grupo Focal).

No momento em que a mulher deu este importante passo, acabou conquistando um espaço-chave que tem muito a ser explorado, pois injustiças ainda são cometidas, principalmente no aspecto salarial (ANTUNES 2003), conforme desabafa a colaboradora:

“A lei da sobrevivência, né, e isso, né, nessa lei, nessa coisa da sobrevivência, elas conquistaram espaço, aí elas foram vistas pela sociedade que elas têm potencial, a gente né, tem potencial, né, e algumas pessoas valorizam, que a gente não é totalmente valorizada ainda. A gente não é totalmente ainda porque o

salário é assim oh! (aproxima os dedos indicador e polegar, se referindo ao tamanho minúsculo do salário)” (Grupo Focal).

Também para atender à sobrevivência a colaboradora se vê obrigada a trabalhar em determinada função, mesmo não sendo uma atividade do seu agrado:

“Não gosto muito daqui, do que eu faço, porque eu sempre trabalhei em serviços administrativos. Eu sempre trabalhei, eu gosto mais disso, mais de lidar com o público [...] A primeira coisa que eu gosto, atender ao telefone, lidar com papel, isso é o serviço que eu sempre fiz. Aqui eu peguei mesmo [...] comecei [...] porque eu não tinha outra opção, por causa da minha idade. Não me aceitaram em outro serviço, então eu aceitei. Se eu pudesse eu fazia, né (ir para outro setor), porque prá minha idade fica mais difícil esse serviço, né, é meio pesado” (Entrevistada 4).

Percebemos o quão forte é a representação do trabalho como meio através do qual se atende às necessidades básicas e se obtém as conquistas materiais (CATTANI, 1996), expressa nas falas a seguir:

“Tu tem que trabalhar, pra ter alguma coisa na vida, tu tem que trabalhar, né. Em primeiro lugar, se tu não trabalhar tu não tem nada, tu não vai conseguir nada. Tu tem que trabalhar, estudar, trabalhar, né, porque sem teu trabalho tu não consegue nada” (Entrevistada 2).

“É meio de vida, né. É um meio de sobreviver, meio de conseguir sustento. É um meio de conseguir progredir, de alcançar os objetivos materiais, né, de adquirir

bens. Isso meu pai comentou com a gente isso, que sem trabalhar a gente não consegue nada” (Entrevistada 3).

Abaixo, temos o destaque dado pela colaboradora à necessidade de a mulher contribuir com o sustento da casa, ajudando na tarefa que era exclusivamente do homem:

“[...] prá atender minhas condições financeiras. Se eu não trabalho eu não tenho dinheiro, né, e prá ajudar em casa também né, porque hoje em dia só o marido trabalhando não dá, né, daí a mulher se obriga a ir trabalhar também, né” (Entrevistada 8).

No próximo depoimento, vemos outro exemplo do quanto o trabalho é essencial na sobrevivência e como não se medem esforços na necessidade de exercer o trabalho, ainda mais quando acumula o caráter de tranqüilidade futura.

“O meu pai, ele foi criado na roça, né, então quando ele veio prá cá, veio só ele e minha mãe, então eles ficaram longe de familiares, essas coisas mais, então ele sempre foi de acordar cedo e não ter hora prá chegar em casa, então, se tiver que trabalhar em sábado e domingo ele vai, né, prá poder ter mais uma vida assim tranqüila, né enquanto pode, enquanto é jovem” (Entrevistada 3).

Durante o grupo focal, um questionamento nos chamou a atenção, por ultrapassar o aspecto da “sobrevivência” que abordamos aqui. Estamos falando do consumismo, uma das bases do capitalismo, desenvolvido a partir do momento em

que os bens materiais começaram a exercer uma crescente influência sobre os homens (WEBER, 2003). Sobre isso, uma colaboradora pergunta:

“O capitalismo é o quê? É sinônimo de consumismo. O consumismo é o quê? É o marketing. Eles dirigem a propaganda pros nossos filhos. ‘Mãe! Compra! Mãe! Compra!’ A gente vai [...] a gente vai agarra e compra. Com isso também tem aquilo de que a gente nunca teve acesso” (Grupo Focal).

Com este desabafo, podemos concluir que tudo o que foi sufocado pela colaboradora, tudo que lhe foi negado pelos seus pais, que visavam somente a sobrevivência, acaba ressurgindo nas exigências dos filhos, frutos de um novo tempo, onde o consumismo cria desejos, suscitando novas Representações Sociais no futuro.

Neste apanhado de falas das colaboradoras, pudemos observar a forte relação entre trabalho, sobrevivência e obrigação e o quanto a educação que os pais para deram aos filhos pesou na formulação destes conceitos e na relação entre os mesmos.

6.1.2 O trabalho como satisfação

Cattani (1996) afirma que o trabalho é também uma experiência social, construção da identidade e fonte de satisfação e prazer.

Avançando na questão, entendemos importante salientarmos as falas abaixo, pois trazem à tona uma outra faceta a respeito do trabalho: a satisfação e a realização naquilo que se faz.

“É porque eu gosto, eu gosto do que eu faço” (Entrevistada 1).

“[...] olha, pra mim é prazeroso, porque eu gosto do que eu faço. E tento fazer o melhor possível, né, daquilo que eu tô fazendo. Dou tudo de mim, prá fazer o melhor” (Entrevistada 6).

Embora essas pessoas tenham sido “educadas” por seus pais para encarar o trabalho como sobrevivência e dão claras demonstrações de que aprenderam muito bem a lição, também possuem consciência do quanto é importante fazerem aquilo que gostam.

É válido enfatizar que, além de sobrevivência e satisfação, no caso da colaboradora abaixo, o trabalho irá permitir ter acesso ao lazer, igualmente importante para dar significado ao trabalho que está sendo executado por ela.

“Acho que se é uma coisa que tu goste, né, porque se tu vai sair de casa, passar 8 horas fora, longe da família, acho que é uma coisa que tu tem que gostar de trabalhar, tu tem que te realizar neste trabalho, né? Prá fazer o que tu faz, e com certeza trazer o sustento prá casa, e lazer também, né. Não é só sustento, é lazer também, né” (Entrevistada 4).

Encerramos esta categoria com a fala acima, pois contém a expressão do modo de pensar de Marx, que via a auto-realização do homem compreendida na ligação com a concepção de trabalho. Trabalho entendido como expressão da vida, através do qual o homem desenvolvia a si mesmo (FROMM, 1962).

6.1.3 A visão crítica do trabalho

Atualmente a sociedade busca fomentar nos indivíduos questionamentos e indagações ao invés da simples aceitação dos fatos. Um dos caminhos para que ocorra tal mudança se dá através da educação e de espaços de debate. Outras pessoas, naturalmente, possuem um espírito irrequieto e buscam respostas às perguntas que as afligem. Independente da alternativa que cabe à entrevistada abaixo, destacamos a sua fala por entendermos que expressa uma pergunta que muitos se fazem, embora poucos a explicitem.

“Só que eu não vejo uma vida assim [...] Se eles trabalharam, trabalharam, trabalharam e não puderam me proporcionar uma vida melhor, eu vou trabalhar, trabalhar, trabalhar pra botar uma vida melhor pro meus filhos? Isso não significa [...] Eu acho que trabalho também é satisfação. Só pelo trabalho, pelo simples fato de ganhar dinheiro, acho que perdeu totalmente a graça. Eu acho que tem que vincular trabalho com satisfação. Para eles (os pais) não tinha satisfação” (Entrevistada 5).

Com uma visão ampliada e ao mesmo tempo mais próxima da realidade, sobre a questão do trabalho, há um questionamento quanto à possibilidade de se

obter uma vida melhor às custas de muito trabalho e sacrifício ou se devemos simplesmente vincular a noção de satisfação ao trabalho que se faz.

6.1.4 A centralidade do trabalho

A centralidade do trabalho, conforme apresentamos anteriormente, é defendida por alguns autores e abolida por outros. Com base em Antunes (2002, p.123), ao afirmar que “o ato de produção e reprodução da vida humana realiza-se pelo trabalho”, nas entrevistadas a questão da centralidade do trabalho é algo bem enraizado ainda que inconsciente. Mesmo à parte de toda discussão que se estabelece no mundo do trabalho, evidencia-se a posição destas trabalhadoras por meio das falas abaixo:

“Trabalhar é necessário. Tem que trabalhar, estudar e, se sobrar tempo e dinheiro, estudar, mas trabalhar tem que trabalhar. Trabalhar prá ganhar dinheiro, prá ficar bem na vida, prá proporcionar pros nossos descendentes uma vida melhor. Hoje, na minha idéia o trabalho em primeiro lugar, porque é através dele que eu me sustento, e é através dele também, eu digo isso no profissional, ele que mantém a minha vida, minha vida social, né” (Entrevistada 5).

Sem esquecer dos aspectos de sobrevivência, conforto no futuro e inclusive a vida social, a entrevistada acima é categórica em afirmar que o trabalho está em primeiro lugar na vida.

A entrevistada abaixo, além de enfatizar a importância do trabalho, não esqueceu o lazer como aspecto importante na sua vida.

“Vamos dizer que 40% trabalho, 40% família e 20% lazer. Nunca pensei nisso assim, mas 50% trabalho, se não trabalhar, não tem como te manter” (Entrevistada 3).

Também o trabalho ocupando um espaço de destaque nas suas vidas, apresentamos as falas das demais colaboradoras:

“Depois da minha família é o primeiro lugar” (Entrevistada 2).

“Ah, é muito importante o trabalho. Ocupa um espaço bem [...] primeiro vem a minha família, né” (Entrevistada 1).

Ressaltamos o depoimento de uma colaboradora que exalta a importância do trabalho e relaciona-o em terceiro lugar, pois julga a crença em Deus e sua família como as detentoras dos dois primeiros lugares na sua escala pessoal.

“[...] eu pra mim particularmente, é muito importante, eu valorizo bastante, independente de ser aqui ou em outro lugar, eu valorizo, sempre valorizei muito o trabalho. Em termos de importância, eu acho que terceiro ou quarto lugar. Em primeiro Deus e depois minha família, depois o trabalho” (Entrevistada 7).

Um pouco mais evasiva e sem precisar qual ordem de importância enumerar, a colaboradora a seguir também salienta a importância do trabalho.

“Eu acho isso importante. Eu acho um lugar bem importante na vida da gente. Não sei dizer o lugar, mas eu acho bem importante” (Entrevistada 4).

Com algumas particularidades e poucas divergências entre as respostas das entrevistadas, concluímos que a centralidade do trabalho se faz presente e com muita ênfase neste grupo.

6.1.5 Outras formas de trabalho

Ao abordarmos e discutirmos outras formas de trabalho que se configuraram ao longo das transformações ocorridas, queremos primeiramente resgatar o importante conceito de trabalho em Karl Marx, para podermos esmiuçar o pensar das colaboradoras sobre o assunto.

De acordo com Marx,

Todo trabalho é, de um lado, dispêndio de força humana de trabalho, no sentido fisiológico, e, nessa qualidade de trabalho humano igual ou abstrato, cria o valor das mercadorias. Todo trabalho, por outro lado, é dispêndio de força humana de trabalho, sob forma especial, para um determinado fim, e, nessa qualidade de trabalho útil e concreto, produz valores-de-uso (MARX, 1971, p.54).

O que presenciamos nas últimas décadas é o crescimento do trabalho intelectual em detrimento do trabalho físico e manual, sem esquecer do imaterial (CATTANI, 1996 e 2002).

Dessa forma, procuramos dar uma ênfase maior ao pensar da colaboradora abaixo, pois retrata uma realidade apresentada por Cattani (2002, p.345) quando diz que “O trabalho da mulher junto à família e às atividades domésticas é considerado não trabalho, atividade inerente à natureza feminina”. Para a colaboradora,

“Trabalho é executar uma tarefa na qual eu me propus, porém trabalho não significa somente o profissional, porque em casa eu também estou trabalhando e não estou vinculada a nenhum tipo de compromissos legais. E trabalho também significa esforço físico” (Entrevistada 5).

Durante o grupo focal, tivemos o endosso desse modo de pensar:

“Eu tenho uma cunhada que ela literalmente não trabalha. Ela trabalha assim, ela, ela é catequista, sabe? Mas ela não tem uma remuneração. Ela faz trabalho voluntário. Mas ela não ganha prá come” (Grupo Focal).

Em outros momentos as colaboradoras relacionaram trabalho com esforço físico, de forma que o trabalho não realizado sob certo esforço ou utilizando a “força intelectual” não possui o mesmo valor para elas.

Trilhando por caminho quase idêntico, o ócio, muitas vezes, ainda é visto de forma negativa. Todo aquele que não trabalha é “vagabundo”, é indigno, pois não produz. Produz para quem? Determinadas profissões, principalmente ligadas à arte e a reflexão começam então a carregar estes estereótipos, que nada mais são do que Representações Sociais.

Queremos resgatar aqui a fábula “A Cigarra e a Formiga” utilizada para despertar a pluralidade de idéias durante o grupo focal, pois vai ao encontro desta discussão. Resgatamos o posicionamento de duas colaboradoras que expressam bem o que queremos dizer.

Enquanto a primeira fala retrata uma visão de que cantar não é trabalho e quem canta é “vagabundo”, conforme vemos abaixo:

“Não eu acho que a cigarra só qué ficar bodiando, só qué cantá” (Grupo Focal).

A próxima argumentação vai além e defende a atividade exercida pela cigarra, dizendo:

“Não, ela é intelectual” (Grupo Focal).

Assim, embora ainda encontremos uma forte Representação Social indicando que o trabalho que não produz algo ou que não seja remunerado, não é considerado trabalho, também observamos indícios de estarmos num processo de mudança, na qual atividades intelectuais, artísticas e reflexivas começam a ser vistas com outros olhares.

6.1.6 A (des)valorização do trabalho

Outro fator de grande relevância em se tratando do trabalho é a valorização ou não que acontece em relação às pessoas e/ou à atividade profissional.

Um ponto que consideramos fundamental é a valorização por parte do próprio trabalhador pelo trabalho que executa. A valorização deve iniciar por ele, como vemos no exemplo a seguir:

“Ah! eu me sinto bem, quando se precisa trabalhar [...] eu não acho que assim [...] as pessoas dizem: ‘ah tu tá limpando banheiro’. Não me incomodo porque nenhum trabalho é humilhante quando é honesto” (Entrevistada 3).

Neste depoimento encontramos uma importante Representação Social “embutida” no pensamento da colaboradora quando diz que “nenhum trabalho é humilhante quando honesto”. Por isso, diz não se importar em estar fazendo limpeza de banheiro, considerada por muitos como algo repugnante.

Em relação às demais pessoas, há opiniões divididas quanto à valorização do trabalho. Algumas não se consideram valorizadas, ou pelo menos em parte isso não acontece, como vemos nos exemplos a seguir:

“Às vezes valorizam, às vezes não [...] Depende. Às vezes me sinto assim bem assim injustiçada, não muito valorizada pela chefia. Os alunos não. Os alunos, os colegas, o pessoal assim que trabalham nos setores dos prédios são muito legal, não posso me queixar de ninguém, de nenhum deles. Nunca ninguém me disse uma

coisa que eu não gostasse, e eu sinto assim que eles gostam de mim, e eu também gosto deles, sabe, muito bom” (Entrevistada 1).

“Ai [...] mais de 50% não valorizam. Acho que 50% não dá valor” (Entrevistada 7).

“Nem todos. Tem muita gente que valoriza, mas tem muita gente que não valoriza. Até passam por ti e viram o nariz, né, te acham menos que elas. Mas isso faz parte” (Entrevistada 2).

Neste depoimento acima, além do trabalho não ser valorizado, há uma certa rejeição ou indiferença para com a colaboradora.

“Porque eu vejo que o meu trabalho é reconhecido, às vezes, pode não ser reconhecido pela minha chefia, mas pelo meu colega funcionário também, esse valoriza o meu trabalho” (Entrevistada 5).

De forma mais sutil, mas mesmo assim presente, a colaboradora acima aborda a falta de reconhecimento e valorização por parte da chefia, sentindo-se reconhecida por seus colegas.

Novamente a questão de não ter vergonha da sua atividade é enfatizada por essa outra colaboradora:

“Todos me tratam muito bem, os instrutores me chama de amor, me cumprimentam, por isso eu acho que [...] eu não sei [...] eu acho que a gente tem

que fazer as coisas assim com vontade e não ter vergonha daquilo que está fazendo” (Entrevistada 6).

Por fim, temos o depoimento de outra colaboradora que possui uma avaliação totalmente positiva, pois sente valorização e aconchego por parte das pessoas que circulam no seu ambiente de trabalho.

“Ali, graças a Deus, bah, eu me sinto em casa ali, né. É uma família, porque prá mim, todos são bons” (Entrevistada 8).

Embora seja um ambiente de ensino superior, onde, teoricamente as pessoas possuem um nível de instrução mais elevado, o que pode nos levar a acreditar que as pessoas não devem ser discriminadas pelo tipo de trabalho que executam, nas falas citadas isso não é uma realidade.

Além de ser um processo em andamento na sociedade como um todo, cabe um trabalho focado no ser humano e na sua prática, conscientizando a todos de seu papel e de sua importância.

6.2 Ginástica Laboral

Nessa outra categoria, apresentamos os benefícios percebidos e enumerados pelas colaboradoras, nas suas diferentes manifestações, bem como o que outras pessoas do convívio sabem ou não a respeito desta prática. Não poderíamos deixar

de enfatizar duas importantes contribuições da Ginástica Laboral: como fator de socialização e também de educação para a saúde e para a qualidade de vida.

6.2.1 A importância da Ginástica Laboral

Nesta categoria, destacamos a importância da Ginástica Laboral para as colaboradoras, o que se evidencia através dos benefícios relatados. Tais benefícios são apresentados de diversas formas, conforme veremos a seguir.

Talvez o aspecto mais significativo para as colaboradoras, se refira ao físico, à sensação de bem-estar, de “renovação” que a prática busca propiciar, sendo expressa pelas falas.

Um primeiro ponto que gostaríamos de enfatizar diz respeito à diminuição da dor decorrente da intensa atividade de trabalho exercida pelas colaboradoras.

“Bah, é bom. Antes quando a gente não tinha, vivia com dor nas costas, né, e agora não, tu chega, bom tu faz a ginástica na hora a gente já tá esperando né, a hora da menina chegar pra fazer, né. É muito bom, bah, os alongamentos são ótimos” (Entrevistada 8).

“Ah! menos dor. Antes eu ficava mais tensa nos ombros, né, agora não, já diminuiu bastante, a gente sente quando não tem, nos dias que não tem a gente sente, já aqui faz grande diferença (apontando para a região da cervical e parte alta

das costas) [...] *a gente não fica tão tensa. Eu me sinto bem melhor, me sinto assim com mais flexibilidade*” (Entrevistada 6).

Segundo Cañete, “Trabalho em nossa sociedade é sinônimo de dor, de sofrimento, de solidão e, atualmente, de estresse” (1996, p.57). Com a prática da Ginástica Laboral, estas pessoas têm diminuída a sensação de desconforto e/ou de dor à qual seus corpos sucumbem durante o trabalho ou após ele. Ainda de acordo com a autora, acreditamos que “Livres das dores e aliviadas em suas tensões, as pessoas tornam-se mais aptas e dispostas para fazer qualquer coisa, desde o convívio com os colegas até a realização de suas atividades laborais” (CAÑETE, 1996, p.176).

Além da diminuição das dores e da fadiga, as colaboradoras abaixo citam o aumento da resistência para realizar as suas atividades diárias e o ganho na disposição.

“A ginástica alivia aquela sobrecarga que tem. É a resistência também né, porque daí tu não sente aquelas dores né, porque tu tem aquela resistência praquelas práticas diárias que tu não tem aquelas dores que tu tinha antes né. Assim, normalmente tu sai desanimada, sai cansada demais né, onde tu não tem isso, chega em casa tu não tem vontade pra nada, daí com a ginástica parece que dá uma animada, né. É dá um gás, um pouquinho mais, né” (Entrevistada 3).

“Ah, eu tô mais assim descontraída, tô mais relaxada, como é que vou te dizer, eu me sinto bem melhor, sabe. Pra subir uma lomba, no meu serviço da casa, do meu pique [...] Eu me sinto muito bem depois da ginástica, é muito bom. Parece

incrível né, o pouco tempo que tu faz sabe [...] É 15 minutos que tu faz, mas aqueles 15 minutos ali olha [...] faz a diferença! É maravilhoso. Alivia, alivia muito. Eu me sinto bem assim, e isso depois da ginástica, melhorou muito depois da ginástica” (Entrevistada 1).

“Ah! eu me sinto bem, nossa! Não deixo de fazer a ginástica porque eu me sinto bem. Me renova, é bom! Ah! eu me sinto mais descansada, tu fica mais, como é que vou te dizer, mais ah [...] relaxada depois da ginástica. Parece até que passou um pouco daquele cansaço que tu tá. Depois que eu faço a ginástica eu me sinto mais aliviada” (Entrevistada 2).

“Bom, eu me sinto otimamente bem” (Entrevistada 5).

A colaboradora a seguir é tão entusiasta em relação aos benefícios da Ginástica Laboral que sugere o aumento na frequência das aulas.

“É maravilhosamente bom. Eu nunca fiz na vida isso, é [...] acho assim, eu sinto muita falta, eu acho que deveria ser 2 vezes por dia, né. Ah!, eu percebo mais flexibilidade, né” (Entrevistada 4).

No exemplo abaixo, a colaboradora narra uma situação ocorrida com seu irmão, que é sedentário, e compara com as possibilidades de movimento do seu corpo. Com isso, ela denota a importância do exercício físico na prevenção de lesões reforçada por Lima (2003).

“Eu acho muito bom. Tanto que quando a gente fica sem [...] Eu tenho assim um exemplo, eu tenho um irmão que não faz, ele só dirige, sentado, sabe? E esses dias só em mexer o pé ele teve uma distensão. Ele rompeu não sei o que lá por dentro, ele teve que voltá a caminhá de muleta e eu ainda fiquei pensando, bah se a gente faz exercício pode vira o pé prá qualquer lado e ele só fez assim (mostra o movimento com a mão e o braço) e já teve que botá até tala” (Grupo Focal).

Outro depoimento interessante, trazendo uma característica muito particular e indo além do encontrado na bibliografia pertinente é o da colaboradora abaixo.

“É que a gente tem mais flexibilidade, né. Tu tem mais prá se movimentar, tu aprende melhor, também como tu vai fazer as movimentação que precisa prá fazer tal tarefa, tem que fazer assim né [...] Daí até, antes dava muita gente com problema de coluna ali, agora nunca mais vi isso, né, de atestado porque tava mal das costas. Não deu mais depois da Ginástica Laboral, não vi mais. Até o sexo melhorou (risos). Claro, tudo influi né? A gente muda bastante” (Entrevistada 8).

A colaboradora inicia falando da melhora na sua flexibilidade de movimentos, na maior facilidade para executar suas tarefas, na diminuição das dores e atestados e comenta algo da sua intimidade na qual também percebeu mudanças positivas: o relacionamento sexual com seu marido. Percebemos na sua fala uma descontração e empolgação ao falar da Ginástica Laboral e que se confirma na hora da prática.

Durante a realização das aulas, a colaboradora procura fazer todos os exercícios da melhor forma possível, buscando ultrapassar seus limites e melhorar cada vez mais sua “performance” (Primeira Observação Participante).

Em todas as falas acima, relatamos as representações das colaboradoras sobre os benefícios da Ginástica Laboral, que além de ressaltar sua importância, trazem nas entrelinhas algo muito importante: a consciência corporal. Conforme anteriormente abordado na fundamentação teórica, queremos reforçar a idéia de Schilder (1999) que considera o movimento como prerrogativa fundamental para a consciência do próprio corpo do indivíduo.

Vemos este fato bem evidente nos depoimentos abaixo:

“Tu vê, né [...] É incrível quando o pessoal da Ginástica Laboral chegou e disse que ia fazer Ginástica Laboral, não falei, mas eu pensei: ‘mas o quê que isso vai resolver?’ É incrível o que resolve, a qualidade de vida que a gente tem depois da ginástica. Prá mim faz muito bem. Até a postura a gente muda, até quando eu me sento em algum lugar, eu sempre procuro sentar reta sabe. Eu tô muito mudada depois da Ginástica Laboral” (Entrevistada 1).

Com este depoimento, em especial, percebemos o quanto foi significativa a prática da Ginástica Laboral para a vida da colaboradora.

A consciência na correta execução dos exercícios é uma preocupação constante. Observar e ouvir atentamente o que a monitora tem a dizer durante a aula também é um exercício para cada uma das participantes do projeto (Terceira Observação Participante).

No momento do grupo focal, o que observamos durante a prática é relatado pelo grupo:

“Tu alonga e tem que respirá certo. Eu não sabia disso. A guria lá disse que se tu não respira certo não adianta fazê exercício” (Grupo Focal).

Porque se o oxigênio não entrá nas veias, não tem nada a vê, não funciona. E agora tem a guria, né, ela tá sempre falando, falando né inspira, expira, inspira [...] Então tá bem legal. Muito bom. (Grupo Focal)

Com os depoimentos acima, constatamos a preocupação das colaboradoras e percebemos o nível de entendimento sobre o funcionamento do mecanismo da respiração, que é muito bem explicado na conversa em grupo.

É especialmente gratificante ouvirmos um depoimento como o da colaboradora abaixo, pela riqueza que apresenta ao expressar a forma como a Ginástica Laboral impactou na sua saúde. Além da diminuição das dores, já relatada por outras colaboradoras, neste caso também tivemos a suspensão ou diminuição de terapias (fisioterapia e quiropraxia) voltadas ao tratamento da saúde física e que eram uma constante para esta pessoa.

“Com certeza. Eu inclusive diminuí as minhas quiropraxias. Isso é muito bom poder falar e eu sei que prá ti também poder ouvir, né? Mas eu tive quase um ano fora das ‘quiro’, e também não precisei mais fazer fisioterapia. É porque eu tenho um problema de joelho, então eu tenho alongado bastante, eu tenho um encurtamento da perna esquerda, né.? Sim, sim, prá mim melhorou porque na hora de baixar prá pegar o lixo, é, eu não sinto mais aquela dor, né, que eu tinha nas costas, é dor lombar, e sem contar que é um momento de integração entre o nosso grupo” (Entrevistada 5).

Lima (2003) e Cañete (1996) também relatam benefícios psicológicos decorrentes da prática de Ginástica Laboral, o que é confirmado pela colaboradora abaixo.

“Ah fica, as pessoas ficam menos estressadas, eu acho. Tu fica aqueles poucos minutos ali, tu descarrega sabe” (Entrevistada 7).

Conhecer os benefícios que a Ginástica Laboral traz para o indivíduo, não basta. É preciso participar ativamente e reconhecer o que a prática traz para si. Conseqüentemente, a valorização do que lhe é propiciado será uma decorrência natural. Exemplo desta situação encontramos no depoimento desta colaboradora.

“Ai eu me sinto bem. Ah! Sim [...] tu sente quando tu não faz, tu sente [...] daí quando tu não faz é que tu sente, só que a gente não dá valor. Mas daí quando tu não faz é que tu sente” (Entrevistada 7).

Por fim, e baseada em todos esses relatos sobre os benefícios que a Ginástica Laboral proporciona a cada uma das entrevistadas e também às empresas que possuem programas de Qualidade de Vida no Trabalho (QVT), indagamos sobre o investimento que a Instituição faz ao proporcionar esta atividade a elas, obtendo como resposta de uma colaboradora:

“Mesmo que indiretamente a Feevale esteja ganhando também com a nossa boa saúde, nós estamos sentindo [...]” (Grupo Focal)

Complementando tal opinião, uma colaboradora foi enfática ao dizer:

“Quem mais ganha sou eu” (Grupo Focal).

Todos os depoimentos que tivemos aqui citados, vão ao encontro da bibliografia e de resultados de pesquisas científicas desta área de conhecimento, consolidando ainda mais nosso trabalho.

6.2.2 O (des)conhecimento em relação à Ginástica Laboral

Podemos dizer que a Ginástica Laboral é uma prática recente, principalmente na nossa realidade regional. Embora atualmente encontremos um número significativo de empresas aderindo a programas de Ginástica Laboral (se compararmos a 5 anos atrás), são poucos os conhecedores desta atividade.

Indagadas sobre como as pessoas reagem quando comentam que fazem Ginástica Laboral, as colaboradoras responderam:

“Eu só comentei com a minha filha. Meu filho, minha filha, ó to fazendo Ginástica Laboral. Se bem que meu filho tá trabalhando numa firma que lá eles também fazem, e a Ginástica Laboral não tá muito tempo assim no mercado né?”
(Entrevistada 1)

“Sim, às vezes eu comento né, como é que é teu horário daí eu digo não, tenho 15 minutos de Ginástica Laboral. Teve gente que já me perguntou: ‘mas o que é Ginástica Laboral?’, daí eu explico né, ah é alongamento [...] mas nem todos sabem. Nem todo mundo sabe o que é Ginástica Laboral. E depois que tu explica

[...] Ah, acham legal, 'bah interessante'. Todo mundo acha que é uma boa, porque alonga né" (Entrevistada 2).

"Se eu disser Ginástica Laboral eles imaginam que tem a ver com exercício né, mas quando eu falo que tenho exercício todo dia depois do trabalho [...] 'ai que bom, que legal isso', e que não são todos, são muito poucas empresas que tem. Acham, acham interessante, acham bem legal" (Entrevistada 3).

"Comento, comento, mas as pessoas, pouca gente sabe, vá lá, um que outro. Eu acho fora de sério isso, que beleza, que coisa bem boa, faço isso no meu serviço. Quando digo que faço Ginástica Laboral [...] Bah, eles dizem: 'Que coisa boa, que bom que é, né?'" (Entrevistada 4).

"Ah, eles acham legal, mas eles acham assim, que é um tipo de esporte pra emagrecer sabe. Eu digo não, é um alongamento mas é muito bom. Bah, pra mim é ótimo, eu gosto de fazer Ginástica Laboral" (Entrevistada 8).

"A maioria assim, eu acho que já ouviu falar, sabe, tem uma noção do que é. Alguns acham que é bobagem, outras pessoas também entram no 50%, também é mais ou menos a mesma coisa que isso daí, alguns acham que é bom, outros nem dão bola, depende da pessoa" (Entrevistada 7).

Como podemos notar, em todas essas falas, ainda há um grande desconhecimento sobre a prática da Ginástica Laboral e, em muitos casos, não é valorizada como deveria. Em outras situações, as pessoas se manifestam dizendo achar interessante e "legal". Ao mesmo tempo, percebemos que há uma satisfação

muito grande por parte das colaboradoras em explicar no que consiste a atividade e também por elas terem a oportunidade fazer parte deste projeto.

Em outros casos, as pessoas ficam surpresas em saber que a Ginástica Laboral é disponibilizada aos funcionários e ainda valorizam a iniciativa.

“Todos fica espantados. Por não conhecer e a empresa deixar. E também pela empresa ter se prontificado a prestar esse tipo de serviço né, pro funcionário, isso é uma coisa bem legal, quando a gente comenta o que a gente faz. Inclusive tem setores que a gente fala que a gente tem aqui na própria Feevale e tem setores que gostariam de ter e ainda não tem, aí dizem: ‘Oh! Ah, mas vocês têm [...] que bom que vocês têm!’” (Entrevistada 5).

“Eles dizem: ‘Bah, até isso vocês ganham lá, que bom né.’ Se a gente vai no médico eles perguntam o que, que a gente faz, que tipo de atividade, então a gente sempre diz: ‘Ah, eu faço Ginástica Laboral.’ Ai que bom, isso é muito importante” (Entrevistada 6).

Com base nestes depoimentos, podemos dizer que a falta de esclarecimentos sobre a Ginástica Laboral ainda é muito grande. Possivelmente quando tivermos o aumento do número de empresas oferecendo esta prática, haverá uma disseminação entre as pessoas a respeito de tal atividade.

6.2.3 A Ginástica Laboral como fator de socialização

Neste item, o que pretendemos abordar é a relação entre a Ginástica Laboral e o que ela significa para o trabalhador em termos de interação social e relacionamento.

Sendo este o momento em que o setor está efetivamente reunido, não é um horário muito silencioso. As pessoas conversam muito, contam as novidades, fatos do trabalho, da sua vida, e brincam umas com as outras. A estagiária precisa ser muito dinâmica para conciliar o papo com os exercícios, possibilitando que a conversa e as brincadeiras tenham espaço junto com a concentração e a correta execução dos alongamentos (Segunda Observação Participante).

Pelas falas a seguir, identificamos como se concretiza esta socialização entre os praticantes.

“Ah eu me sinto bem. Me sinto bem com todas as colegas. Não tenho queixas de ninguém. Até hoje a gente tava comentando, a gente tem bastante união entre as colegas. Me dou bem com todo mundo. Me sinto bem. O pessoal se sente mais à vontade, parece que se solta mais, fica mais brincalhão. Que é uma hora né, que tá todo mundo junto ali, é tipo uma hora de lazer dá pra se dizer né, que tá todo mundo descontraído, ali brincando [...] fica mais aberto [...] mais legal, eu gosto” (Entrevistada 2).

“Tem esse entrosamento né, que a gente trabalha em grupo, te aproxima mais das pessoas, coisa que não acontece em outros lugares” (Entrevistada 3).

“Sim, muito no relacionamento, porque é uma hora que a gente também, a gente desopila, tu [...] tu pode [...] tu relaxa né, e tu interage com o pessoal, fica assim, tipo um ‘feedback’, porque às vezes a gente brinca com a pessoa numa coisa séria e a pessoa entende mas recebe na brincadeira, mas entende a mensagem, isso é legal” (Entrevistada 5).

O aspecto social é reforçado por Lima (2003, p.11) no momento em que afirma ser a saúde social um fator importante em nossas vidas, pois “as relações saudáveis no ambiente de trabalho facilitam a comunicação, transformam o ambiente, proporcionam maior interação e aumentam a disposição para o trabalho”.

Pela riqueza do depoimento abaixo, percebemos a importância da prática de Ginástica Laboral como um fator de interação entre as pessoas e como ela influenciou em sentimentos como amizade, confiança e espontaneidade, sem falar no contato físico e na desinibição.

“Sim, acho que ficou mais próximo depois da ginástica. Fica sim, tem mais amizade, mais brincadeira no meio, então a gente fica mais próximo, tem mais amizade, um confia no outro, tu tem que abraçar, apoiar, fazer massagem um no outro né. Então isso é legal, até com os guris né, com as gurias, às vezes ficam meio de lado, daí o professor diz: ‘Porque vocês são bobo não ficam no meio das mulher né’. Porque eles não querem apertar eles, daí ele diz: ‘Porque vocês são bobo não se metem no meio das mulher né’. Daí eles têm vergonha né, porque são minoria né. Mas é bem legal, isso entrosa, e as que são assim que nem eu né, a gente fica perto deles né, prá poder fazer massagem neles, e eles fazer na gente, daí fica bem legal” (Entrevistada 4).

Os depoimentos abaixo vêm reforçar a aproximação que ocorre entre as pessoas no momento da Ginástica Laboral.

“Eles se encostam mais, eu acho né porque daí tá todo mundo em grupo, porque fora disso é um num canto, outro no outro né, porque são prédios separados né, então na Ginástica Laboral a gente se junto todo mundo e fica mais unido o negócio” (Entrevistada 6).

“Naquele momento ali tem uma integração [...] até quando fazem as brincadeiras, é bem legal assim” (Entrevistada 7).

“É que é uma hora ali que tá todo mundo junto, brincando e depois os abraços, eu acho que tudo junta mais as pessoas, cria mais uma amizade né, um vínculo ali de amizade, e achei bem legal, essa parte assim, porque [...] (Então isso melhora também?) Sim, melhora bastante a convivência com as pessoas, melhora bastante” (Entrevistada 8).

A colaboradora seguinte comenta a falta que a Ginástica Laboral faz quando não é praticada. Neste caso, ela está se referindo ao período de férias em que não fez os exercícios como o grupo.

“Eu sinto falta, esse um mês que eu estava de férias, eu tentei fazer em casa, mas não é a mesma coisa. Ah! falta de estímulo, falta de companhia, não é a mesma coisa, mas eu tentei fazê” (Entrevistada 5).

Tanto a fala dessa colaboradora, quanto da próxima, reforçam a importância do grupo reunido e justificam a dificuldade que é realizar os exercícios fora do ambiente de trabalho.

“Rotina [...] Aqui tá todo mundo junto. A importância do grupo reunido [...]”
(Grupo Focal).

Entendemos que o indivíduo se transforma em sujeito e o envolvimento com outros sujeitos resulta num ator coletivo, modificando não um só corpo ou mais corpos, mas sim todo o contexto no qual há esta inserção, esta relação com o social. Assim, ficou evidente que o contato com o outro, o ambiente amigável e alegre, a descontração geral e o estímulo gerado pelo estagiário perante o grupo, tornam o momento propício ao fomento da socialização.

6.2.4 A Ginástica Laboral como educação para a saúde e a qualidade de vida

A Ginástica Laboral é, no nosso entendimento, uma prática que vai muito além de simples exercícios de alongamento, relaxamento ou compensação. Conforme expusemos anteriormente, acreditamos na Ginástica Laboral como uma forma de incentivar a prática regular de exercícios físicos, conscientizar os praticantes sobre a necessidade de adotar um estilo de vida mais saudável, observando as posturas corporais, a alimentação equilibrada e a realização de exames periódicos para acompanhamento da saúde.

Pouco adianta a pessoa parar por 10 ou 15 minutos do seu dia, realizar os exercícios durante a sessão de Ginástica Laboral e no restante do tempo não ter a consciência e atitudes suficientes para impulsionar pequenas mudanças nos seus hábitos.

Para nós, é gratificante quando conseguimos participar ativamente desse processo e obter resultados positivos nesse sentido. Os depoimentos abaixo são exemplos importantes para ilustrar este nosso modo de pensar.

“Eu faço ginástica em casa também. De noite se eu chegar em casa assim e eu achar que eu tenho que fazer alguma coisa, eu pulo corda, faço de conta né porque eu não tenho corda, faço de conta que eu to pulando corda, faço de conta que eu to correndo no mesmo lugar” (Entrevistada 1).

Em relação à colaboradora acima, quando questionada se a Ginástica Laboral serviu de um incentivo para que ela procurasse se movimentar fora do ambiente de trabalho, obtivemos como resposta:

“Foi, foi mesmo, é incrível. E quando eu vejo que to muito cansada eu mesmo começo a fazer a respiração, segurar o ar, soltar o ar [...] e às vezes eu relaxo os braços, isso me ajudou bastante” (Entrevistada 1).

Outro depoimento importante encontramos na fala seguinte, quando a colaboradora diz aplicar os conhecimentos adquiridos nas aulas de Ginástica Laboral em outros momentos do seu dia-a-dia.

“Tu alonga é uma coisa que tu não faz no dia-a-dia, ou num trabalho normal, tu não faz né. E até em casa né, eu faço alguma coisa quando sinto dor, eu já sei o que fazer né. Não preciso logo correr prá remédio, tem gente que corre prá remédio né, eu não, eu não preciso tomar remédio, então eu já procuro alongar, fazer alguma coisa que eu sei que vai me ajudar” (Entrevistada 4).

Assim, a colaboradora está buscando a solução para um desconforto, não precisando recorrer ao uso de medicamentos que agredem muitas vezes o organismo.

Podemos observar bem que as orientações dadas no decorrer da prática são utilizadas em vários momentos. Ao possuir uma melhor consciência a respeito do corpo e também sobre a execução mais adequada para a realização de movimentos durante o trabalho, cada pessoa estará “poupando” a si mesma. De acordo com Lima (2003), a consciência corporal auxilia no reconhecimento dos estados emocionais e pontos de tensão, auxiliando na minimização de desconfortos, dores e lesões pelas posturas e movimentos inadequados. Exemplos desta consciência e dos cuidados observados encontramos nos depoimentos abaixo.

“Uma das coisas que eu aprendi também na Ginástica Laboral é que cada vez que a gente vai se abaixá, não se abaixá reto” (Grupo Focal).

Complementando tal fala, a colaboradora seguinte diz:

“A gente pode até dá um mau jeito no corpo [...]” (Grupo Focal)

“Tu tem mais prá se movimentar, tu aprende melhor, também como tu vai fazer as movimentação que precisa prá fazer tal tarefa, tem que fazer assim né” (Entrevistada 8).

Nestes outros depoimentos, vemos o quanto as sugestões e as orientações ultrapassam os limites da Instituição e são incorporadas na vida diária das colaboradoras.

“Em qualquer lugar que eu estou eu me levanto assim [...] (demonstra como deve ser a forma correta de levantar) Eles acham que eu tenho alguma deficiência, porque tu te levantá assim, porque eu aprendi que assim eu não me machuco” (Grupo Focal).

“Quando eu acordo, eu fico ali bem quietinha, me espicho bem. O outro monitor ensinou, levantá de lado. Isso foi a coisa mais importante que eu já aprendi, porque eu tinha essa mania de levantá primeiro a cabeça” (Grupo Focal).

Além da preocupação com o próprio corpo, a colaboradora abaixo procura transmitir as lições aprendidas para as demais pessoas de seu convívio.

“Eu faço até em casa, né, prá minha família, porque a minha mãe é muito depressiva, a minha irmã ela trabalha fora de casa, e aí eu sempre digo prá elas, vocês têm que pará de hora em hora, vocês têm que alongá , porque ela chega assim as cinco e meia em casa e ela tá morta e eu trabalho aqui o dia inteiro no serviço pesado e eu não tô morta, né” (Grupo Focal).

Observamos neste outro depoimento uma visão mais ampliada, destacando a importância da Ginástica Laboral e enfatizando sua contribuição como fator de educação para a saúde e qualidade de vida.

“Agora assim oh! Acho muito bom essa Ginástica Laboral porque isso aí é o alicerce que a gente tá deixando, tá fazendo com o nosso organismo prá quando chegá na terceira idade, prá gente chegá lá no fim da vida, lá, interaça. Ou tentá chegá, porque do jeito que a gente trabalha, né, a gente já chega meia capenga” (Grupo Focal).

Se considerarmos que “a ginástica é a única possibilidade que uma grande parte dos trabalhadores têm de receber orientações seguras e sérias” (CAÑETE, 1996, p.189), essa afirmação reforça ainda mais o nosso posicionamento em relação à contribuição dessa prática auxiliar na educação para a saúde e a qualidade de vida das pessoas.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho do pesquisador não acaba nunca. A cada dia, novas dúvidas vão surgindo, novos olhares são lançados e o que ontem se apresentava de uma maneira, no dia seguinte pode ser visto de outra forma.

Portanto, o que apresentamos aqui são considerações realizadas num período de tempo específico, num contexto particular, num momento único.

À luz da teoria que nos orientou, em momentos nos quais a impressão que se tinha era de “falta de luz”, aprofundamos os conhecimentos em direção ao que fora proposto inicialmente.

Cabe ressaltar que esta construção foi deveras importante para mim, pois significou a apropriação de novos conhecimentos e mais do que isso, a reflexão em cima de tudo o que foi apreendido e aprendido no decorrer desta trajetória.

O caminho foi árduo: cheio de questionamentos, incertezas e falta de convicção. Por outro lado o “novo”, ao passo que assustava, também encantava.

No início, parecia que a forma de abordagem não cativava, não empolgava. À medida que me adentrava na “selva misteriosa” das Ciências Sociais, ia descobrindo novas coisas, novos horizontes e novas possibilidades.

Houve momentos em que as passadas foram lentas e até interrompidas, momentaneamente, para dar um descanso à “andarilha”. Com certeza, foi extremamente desafiadora esta busca pela aproximação entre as áreas da Educação Física e das Ciências Sociais. Este desafio ao qual me refiro ocorre no momento em que ousou desenvolver meu estudo dentro de uma área para mim pouco conhecida e pode ser ilustrado com uma citação de Bourdieu (1990, p.207):

A lógica da divisão social do trabalho tende a se reproduzir na divisão do trabalho científico. Assim de um lado existem pessoas que conhecem muito bem o esporte na forma prática, mas que não sabem falar dele, e de outro, pessoas que conhecem muito mal o esporte na prática e que poderiam falar dele, mas não se dignam a fazê-lo, ou o fazem a torto e a direito.

Com o desenrolar da situação e o mergulho aprofundado nas diversas fases da pesquisa, foram se revelando preciosidades como, por exemplo, os riquíssimos testemunhos das colaboradoras entrevistadas.

O resultado de tantas descobertas, apoiadas pela tríade Trabalho – Representações Sociais – Ginástica Laboral, abordamos a seguir:

Nosso objetivo principal, ao iniciar este estudo, era identificar como se manifestam as Representações Sociais do trabalho entre um grupo de praticantes de Ginástica Laboral no Centro Universitário Feevale. Atendendo ao objetivo proposto, podemos dizer o quão forte são as representações que as colaboradoras possuem sobre o *trabalho como obrigação e sobrevivência*. Percebemos também

que tais representações foram intensamente influenciadas pelos pais, seja através da fala, pelas atitudes ou por imposições feitas aos filhos. No que diz respeito à questão do *trabalho como sobrevivência*, percebemos que o motivo principal para que isso aconteça está concentrado no fato de que, com o surgimento de uma sociedade de trabalho precário, a mulher também precisou assumir o papel de mantenedora do lar, ou ao menos contribuir para tal (OFFE, 1989 e 1991).

Não devemos esquecer que tal estudo acontece numa região de colonização predominantemente alemã, com traços característicos que supostamente se perpetuaram nas diversas gerações e contribuíram na formação das representações encontradas entre as entrevistadas. Nesse contexto, cabe perfeitamente lembrarmos de Max Weber quando ele afirma que a concepção de vocação de Lutero indica que “o cumprimento das tarefas seculares sob quaisquer circunstâncias é o único caminho para satisfazer a Deus, que isto, e somente isto, é a vontade de Deus, e que, por isso, qualquer vocação lícita tem o mesmo valor perante os olhos de Deus” (2003, p.44).

Assim, e não poderia ser diferente, encontramos o trabalho ocupando o lugar central na vida das pessoas, juntamente com a família e com Deus. Talvez por isso ocorra uma valorização do trabalho executado pelas colaboradoras, independente da visão dos demais ou de sua própria satisfação. Encontramos outra importante faceta das Representações Sociais no depoimento de uma colaboradora e que gostaríamos de trazer à tona novamente para reforçar e retratar tudo o que dissemos: “[...] *nenhum trabalho é humilhante quando é honesto*”. Ora, honestidade possui vínculo direto com religiosidade e, por sua vez, relaciona-se com o pensar de Max Weber (2003), importante teórico na compreensão deste estudo.

Em suma, com base nestas abordagens, podemos dizer com convicção que, as Representações Sociais do trabalho (leia-se “juízos de valor” formulados pelos indivíduos) destas pessoas, constituem-se do trabalho como obrigação, como sobrevivência e como algo central em suas vidas.

As Representações Sociais são conhecimentos elaborados socialmente, considerando a diversidade dos indivíduos, dos atos e dos fenômenos. Em todas as interações ocorrem representações, por isso buscamos no grupo de praticantes de Ginástica Laboral identificar o quanto as Representações Sociais são influenciadas. Como anteriormente citamos, “Todos nossos discursos, nossas crenças, nossas representações provêm de muitos outros discursos e muitas outras representações elaboradas antes de nós e derivadas delas” (MOSCOVICI, 2004, p. 242).

Partindo da idéia inicial de que o trabalho possui origens associadas à dor, tortura e castigo, acreditamos que a Ginástica Laboral se contrapõe a isso, pois propicia condições onde esses aspectos são amenizados (embora a Ginástica Laboral não tenha por objetivo servir como “panacéia”). Queremos enfatizar que acreditamos no papel do trabalho relacionado à satisfação pessoal, como parte do processo de construção da identidade do sujeito e no seu contínuo desenvolvimento. Não estamos sós neste modo de pensar. À sua maneira, uma colaboradora ilustra nossa afirmação se referindo ao trabalho como “[...] olha, pra mim é prazeroso, porque eu gosto do que eu faço”.

Ao analisarmos a importância da Ginástica Laboral na interação do indivíduo com o trabalho, concluímos que ela se manifesta sob vários ângulos. Em primeiro lugar, os benefícios físicos decorrentes da prática são os mais perceptíveis e

citados. A diminuição das dores e desconfortos, a sensação de bem-estar, de renovação, o aumento da disposição para a realização das atividades diárias, a melhora na flexibilidade, na resistência e na consciência corporal, bem como a diminuição das consultas médicas, diminuição dos atestados médicos e das sessões de fisioterapia e quiropraxia, são benefícios considerados importantes pelas colaboradoras e que acabam influenciando para uma melhor relação com o trabalho. Outro aspecto importante encontrado tanto na literatura quanto nos depoimentos, se refere ao aspecto psicológico, apontando o relaxamento e a diminuição do estresse como consequência à prática.

No que diz respeito às relações sociais e afetivas entre os praticantes de Ginástica Laboral (outra importante inquietação que tínhamos e que gostaríamos de desvendar), observamos que as mesmas são expressivas para o grupo. Todos afirmaram que o momento da prática propicia o encontro, a interação, a descontração, pois é a única oportunidade em que estão todos reunidos de fato. Palavras como entrosamento, união, amizade e brincadeira, foram citadas pelas entrevistadas e resumem bem o que representam estas relações sociais e afetivas.

O entrosamento, a união, a amizade, o clima descontraído e de brincadeira, refletem o aspecto da socialização que também é propiciado pela Ginástica Laboral.

A mudança de atitudes com a conscientização do quanto é primordial darmos atenção ao nosso corpo, cuidando dele da melhor forma possível, completam o rol de aspectos que determinam a importância da Ginástica Laboral na relação do indivíduo com o trabalho. Acreditamos que um indivíduo de bem com seu corpo, pode relacionar-se melhor com sua atividade laboral. Concordamos com Cañete

(1996, p.82) quando diz que “a Ginástica Laboral é um excelente agente de mudanças e de prevenção no campo da saúde e bem-estar do ser humano. [...] Mas não faz milagres”. A Ginástica Laboral pode ser uma das estratégias, uma das ferramentas ou uma das ações adotadas pelas empresas, que certamente surtirá efeitos, mas que podem ser potencializados por outras estratégias e ações.

Assim, esperamos ter demonstrado a contento as formas como se manifestam as Representações Sociais do trabalho, neste grupo de praticantes de Ginástica Laboral, extraindo observações do modo de pensar das colaboradoras.

Concordamos com Tamayo (2004, p.11) quando diz que o trabalho não se reduz à atividade em si e “o ser humano tem direito a um ambiente de trabalho que não comprometa a sua saúde e que, além disso, lhe ofereça a possibilidade de obter prazer, satisfação profissional e realização como pessoa”.

Através do tripé formado por Trabalho – Representações Sociais – Ginástica Laboral, esperamos que novas reflexões e indagações sejam feitas. Mais do que isso, entendemos que se possa sair do discurso e efetivar a prática. Uma prática que favoreça a todos os trabalhadores, propiciando-lhes um trabalho que atenda as suas necessidades e sonhos, com dignidade e justiça.

Que, no futuro, novas pesquisas envolvendo esta temática sejam realizadas e que elas possam encontrar outras Representações Sociais sobre a categoria “trabalho”. Que estas representações sejam de trabalho como prazer, satisfação, crescimento e realização. Este é o nosso desejo!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Paulo Cesar & MINAYO, M^a Cecília. [et al.]. **Saúde e doença** – um olhar antropológico. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1998, 174 p.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith & GEWANDSZNAJDER, Fernando. **Métodos nas Ciências Sociais e Naturais**: Pesquisa quantitativa e qualitativa.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do trabalho. São Paulo: Cortez, 2002, 8^a edição, 200p.

_____. **Os sentidos do trabalho** – Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003, 6^a edição. 258p. ARRUDA Jr. & RAMOS, Alexandre (Orgs.). **Globalização, neoliberalismo e o mundo do trabalho**. Curitiba: IBEJ, 1998. 300p.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70 Ltda, 1995, 225p.

BAUER, Martin. **Análise de conteúdo clássica: uma revisão**. In: BAUER, Martin W. & GASKEL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 3^a edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004, 516p.

BAUER, Martin W. & GASKEL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 3^a edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004, 516p.

BIRCK, Márcia. **Do princípio da pesquisa qualitativa à coleta de dados**: uma trajetória percorrida por todos os pesquisadores. In: CAUDURO, Maria Teresa (Org.). **Investigação em educação física e esportes**: Um novo olhar pela pesquisa qualitativa. Novo Hamburgo: Feevale, 2004. 112p.

BOGDAN, Roberto C. & BIKLEN, Sari K. **Investigação qualitativa em educação**. Portugal: Porto Editora Ltda, 1994, 336p.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990, 234p.

BRUHNS, Heloisa T. [et al.]. **Conversando sobre o corpo**. Campinas, SP: Papyrus, 1989. 107p.

CABRAL, Sueli. **Algumas considerações sociológicas sobre o trabalho**. In: KUHN JÚNIOR, Norberto. **Reflexões sociológicas: o avesso da ordem e da desordem**. Novo Hamburgo: Ed. Feevale, 2003.

CAÑETE, Ingrid. **Humanização: desafio da empresa moderna** – a ginástica laboral como um caminho. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1996. 200p.

CATTANI, Antônio David. **Trabalho & autonomia**. Petrópolis: Vozes, 1996, 195p.

CATTANI, Antônio David (Org.). **Dicionário crítico sobre trabalho e tecnologia**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes; Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2002. 367p.

CAUDURO, Maria Teresa (Org.). **Investigação em educação física e esportes: Um novo olhar pela pesquisa qualitativa**. Novo Hamburgo: Feevale, 2004. 112p.

FROMM, Erich. **Conceito Marxista do Homem**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1962.

GASKEL, George. **Entrevistas individuais e grupais**. In: BAUER, Martin W. & GASKEL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 3ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004, 516p.

GUARESCHI, Pedrinho A. & JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. 324p.

GORZ, André. **Adeus ao proletariado: para além do socialismo**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1988. 203p.

_____. **Metamorfoses do trabalho: Crítica da razão econômica**. São Paulo: Annablume, 2003.

_____. **Misérias del presente, riqueza de lo possible**. Buenos Aires: Editorial Paidós, 2004. ISBN 950-12-5462-3. 155p.

LAZZARATO, Maurizio & NEGRI, Antonio. **Trabalho imaterial**. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2001, 108p.

LIMA, Valquiria de. **Ginástica Laboral** – atividade física no ambiente de trabalho. São Paulo: Phorte editora, 2003. 240p.

MARX, Karl. **O Capital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Livro I, vol.I, 1971.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MINAYO, M^a Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. 80p.

_____. **O desafio do conhecimento** – pesquisa qualitativa em saúde. 7ª edição. São Paulo: Hucitec, Rio de Janeiro: Abrasco, 2000. 296p.

MORAES, Reginaldo. **Neoliberalismo: de onde vem, para onde vai?** São Paulo: Editora SENAC, 2001. 154p.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. 404p.

MÜLLER, Deise Margô. **O Ato Apaixonante de Pesquisar**. In: CAUDURO, Maria Teresa (Org.). **Investigação em educação física e esportes: Um novo olhar pela pesquisa qualitativa**. Novo Hamburgo: Feevale, 2004. 112p.

NARDI, Henrique Caetano. **Saúde do trabalhador**. In: CATTANI, Antônio David (Org.). **Dicionário crítico sobre trabalho e tecnologia**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes; Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2002. 367p.

NEGRINE, Airton. **Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa**. In: NETO, Vicente Molina; TRIVIÑOS, Augusto N.S. (Orgs.). **A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas**. 1ª edição. Porto Alegre: Editora Universidade/Sulina, 1999.

OFFE, Claus. **Trabalho e Sociedade: problemas estruturais e perspectivas para o futuro da “Sociedade do Trabalho”**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989, 180p., volume I –a crise.

OFFE, Claus. **Trabalho e Sociedade: problemas estruturais e perspectivas para o futuro da “Sociedade do Trabalho”**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991, 180p., volume II - perspectivas.

Organização Mundial de Saúde. Divisão de Saúde Mental. Grupo Whoqol. **Projeto desenvolvido no Brasil pelo grupo de estudos em qualidade de vida**. Porto Alegre, 1998. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/psiq/whoqol.html>. Acesso em: 14 de setembro de 2005.

POCHMANN, Márcio. **A década dos mitos**. São Paulo: Contexto, 2001. 182 p.

POSSEBON, Mônica. O estudo de caso na investigação em Educação Física na perspectiva qualitativa. In: CAUDURO, Maria Teresa (Org.). **Investigação em educação física e esportes: Um novo olhar pela pesquisa qualitativa**. Novo Hamburgo: Feevale, 2004. 112p.

RIVIÉRE, Claude. **Os ritos profanos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996, 326p.

SÁ, Celso Pereira de. **Núcleo central das representações sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. 189p.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001. 127 p.

SANTIN, Sílvio. **Educação física – ética, estética, saúde**. Porto Alegre: Edições EST, 1995. 84p.

SCHILDER, Paul. **A imagem do corpo: as energias construtivas da psique**. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999, 405p.

STREY, Marlene Neves [et al]. **Psicologia social contemporânea: livro texto**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. 262p.

TAMAYO, Álvaro [et al]. **Cultura e saúde nas organizações**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2004. 255p.

TONI, M. Visões sobre o trabalho em transformação. **Sociologias**, 2003; ano 5, nº 9, jan/jun: 246-86

TRIVIÑOS, Augusto N.S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em Educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VÍCTORA, Ceres Gomes. **Pesquisa qualitativa em saúde: uma introdução ao tema**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000. 136p.

WALLAU, Sonia Maria. **Estresse Laboral e Síndrome de Burnout**: uma dualidade em estudo. Novo Hamburgo: Ed. Feevale, 2003. 167p.

WEBER, Max. **Metodologia das ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 1999, 210p.

_____. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. 3ª edição. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000, 464p.

_____. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 2ª edição revista. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003, 187p.

APÉNDICES

Apêndice A - Roteiro para entrevista

A fim de atender os objetivos da pesquisa, identificando as representações sociais do trabalho entre praticantes de Ginástica Laboral e a importância desta prática, surgiram algumas questões que guiarão a entrevista com os colaboradores envolvidos na pesquisa. Vale salientar que a entrevista será aplicada somente após a concordância em participar voluntariamente e com a assinatura do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido).

1. Qual a idéia que você tem sobre trabalho?
2. Que lugar o trabalho ocupa em sua vida?
3. Qual a idéia que seus pais tinham sobre o trabalho? Como falavam sobre trabalho para os filhos?
4. Descreva o que você faz:
5. Como você se sente em relação ao trabalho que faz?
6. Você acha que as pessoas valorizam aquilo que você faz?
7. Como você se sente fazendo Ginástica Laboral?
8. Em relação ao seu corpo, você percebe alguma diferença desde que faz a Ginástica Laboral?
9. Com a prática da Ginástica Laboral, você percebeu alguma diferença no seu trabalho?
10. Descreva o lugar onde você trabalha e como você se sente nele:
11. No ambiente de trabalho, nota-se alguma diferença com a prática da Ginástica Laboral?
12. E nas relações entre as pessoas?
13. Seus conhecidos e amigos sabem o que é Ginástica Laboral?
14. Como as pessoas reagem quando você comenta que faz Ginástica Laboral?

Apêndice B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezado (a) Senhor (a):

Meu nome é Magale Konrath, sou mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos – e gostaria de convidá-lo (a) a participar da pesquisa que estou realizando, cujo título é “AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO TRABALHO E A INFLUÊNCIA DA PRÁTICA DE GINÁSTICA LABORAL”. O objetivo do estudo é identificar se há alteração nas representações sociais do trabalho entre praticantes de Ginástica Laboral e como elas se manifestam. Os resultados serão utilizados para fins científicos e, principalmente, proporcionar conhecimentos aos profissionais das Ciências Sociais Aplicadas e da Educação Física.

Por favor, leia com atenção as informações descritas abaixo:

1 A minha participação na pesquisa iniciará após a leitura, o esclarecimento de possíveis dúvidas e do meu consentimento livre e esclarecido por escrito. A assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será em duas vias, permanecendo uma delas comigo.

2 Serei informado (a) sobre os procedimentos e resultados da minha participação na pesquisa e receberei esclarecimento sobre as dúvidas que possam surgir dela.

3 As informações coletadas na pesquisa não serão vinculadas a minha identidade, ou seja, permanecerei no anonimato. Apenas a mestranda Magale Konrath e a orientadora Prof^a Dr^a Sônia Mercedes Lenhard Bredemeier terão acesso aos meus dados de identificação.

4 A minha participação na pesquisa envolverá a realização de uma entrevista individual e outra coletiva com os demais participantes da entrevista, ambas gravadas para posterior transcrição e meu devido aval.

5 As entrevistas terão duração aproximada de 40 minutos, tanto a individual quanto a coletiva.

6 A minha participação na pesquisa será voluntária. Concordando ou recusando em participar, não obterei vantagens ou serei prejudicado (a) em meu trabalho. Não serei obrigado (a) a responder a todas as perguntas, podendo interromper ou cancelar a qualquer momento. A minha participação em todas as etapas da pesquisa não implicará no pagamento e/ou recebimento de qualquer taxa.

7 Necessitando de quaisquer esclarecimentos sobre a pesquisa ou querendo cancelar a minha participação nela, entrarei em contato pessoal com a mestranda Magale Konrath ou pelo número de telefone celular (51) 9978-8756.

Data:

Nome do participante:

Assinatura do (a) participante:

Assinatura da mestranda:

ANEXOS

Anexo A – Fábula

A cigarra e a formiga (La Fontaine)

Tendo a cigarra cantado durante o verão,
Apavorou-se com o frio da próxima estação.

Sem mosca ou verme para se alimentar,

Com fome, foi ver a formiga, sua vizinha,

pedindo-lhe alguns grãos para agüentar

Até vir uma época mais quentinha!

"Eu lhe pagarei", disse ela,

"Antes do verão, palavra de animal,

Os juros e também o capital."

A formiga não gosta de emprestar,

É esse um de seus defeitos.

"O que você fazia no calor de outrora?"

Perguntou-lhe ela com certa esperteza.

"Noite e dia, eu cantava no meu posto,

Sem querer dar-lhe desgosto."

"Você cantava? Que beleza!

Pois, então, dance agora!"